

A Defesa Nacional

REVISTA DE ASSUMPTOS MILITARES

Redactor-chefe A. PAMPHIRO — Redactor-secretario MARIO TRAVASSOS — Redactor-gerente JORGE DUARTE

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: — RUA DA QUITANDA, 74

ANNO XIII

Rio de Janeiro, 10 de Agosto de 1926

N. 152

Grupo mantenedor

A. Pamphiro, Mario Travassos, Jorge Duarte (Redactores) T. Araripe (Sub-secretario) Luiz Procopio (Thezoureiro), João Pereira (Revisão), Scheleder, Nilo Val. Paes d'Andrade, Eurico Dutra, Orozimbo Pereira, Sílio Portella, Daltro Filho, Elói Catão, Francisco Fonseca, C. C. de Abreu.

SUMMARIO

EDITORIAL:

Um só ideal:
Frente unida

COLLABORAÇÃO

A proposito da situação militar	Cap. J. B. Magalhães
Ideias sobre a organisação militar argentina (Trad)	Cap. J. Lobato Filho Ten.Cel. Paes de Andrade
Pró Instrucción	Cap. Paula Cidade Major Caiuby
Observações sobre a Organisação da Infantaria	Cap. J. B. Magalhães
Pontaria á luneta	Cap. J. Pereira
Carta aberta dos Directores do „Diario do Brazil“	1.º Ten. Octavio Paranhos
F. M. Mod. 1924 (Trad. Commentada)	
Emprego da E. na organisação do terreno em ligação com a I. (Trad.)	

DA REDACÇÃO

Quinta arma, Salve! — O ensino pratico na E. M. — Dando o exemplo — Nova lei de Promoções — O thema de «A Defesa Nacional» — O Centenario de Solano Lopez — Subsídios para os Quadros de Reserva — Sobre um projecto de lei «Ainda citações e não elogios» — Consultas — Bibliographia — Expediente.

Instrução do Soldado

(Pontos principaes da instrução da tropa)
Pelo Cap. DERMEVAL PEIXOTO

Estão á venda os primeiros fasciculos separata da 5.^a edição deste livrinho indispensavel aos candidatos á reservista do Exercito das Sociedades de Tiro e Estabelecimentos onde ha instrucción militar.

Completamente remodelado e em dia com os recentes regulamentos, abrange o programma completo da Escola de Soldado de acordo com os novos ensinamentos.

Como livro para recrutas encerra todos os ramos de sua instrução, expostos methodica e succinctamente de modo a poderem ser lidos e entendidos por elles proprios.

Fasciculos publicados:

- I — A Educação Moral do Soldado.
- II — A Instrução Geral.
- III — A Instrução Disciplinar e de Serviços
- IV — A Instrução Physica e Treinamento de marcha.

Annexo — Organização do Exercito.

Fasciculos a seguir:

- V — A Escola do Soldado e do Grupo.
- VI — Armamento e Tiro.

A Papelaria Macedo - Rua Quitanda, 74 - Rio

Acceita encommendas.

Preço de cada fasciculo 1\$000
Os I, II, III e IV, reunidos 3\$000

Collocação em vigilancia da bateria por meio do goniometro e da plancheta topographica

pelo

1.^o Ten. Fernando Fonseca de Araujo

A venda em nossa Redacção

(Rua da Quitanda 74)

Preço: 5\$000. — Pelo Correio mais 8500

A MINHA DEFESA

Replica ao Tenente-Coronel Beverina,

do Exercito Argentino,

a proposito da Campanha de 1851-1852

pelo

Cap. Genserico de Vasconcellos

Preço 2\$500

Que a Artilharia deve saber da Infantaria ?

(Pelo 1.^o Ten. Mario Travassos)

Algumas conferencias sobre a carta,
escriptas e lidas para os officiaes do

1.^o GRUPO DE MONTANHA,
contendo 22 croquis.

(Uteis aos officiaes de todas as armas)

Preço 5\$000 — Pelo correio 5\$500

Livraria Briguiet

Rio de Janeiro

BASTOS DIAS

Rua Sete de Setembro, 203

Secção de Artigos Photographicos

Apparelhos photographicos, objectivas e todos os pertences para a photographia.

Secção de Drogaria

Drogas em geral e productos chimicamente puros para analyses de Merck e Kalbaum

Secção de Gravura

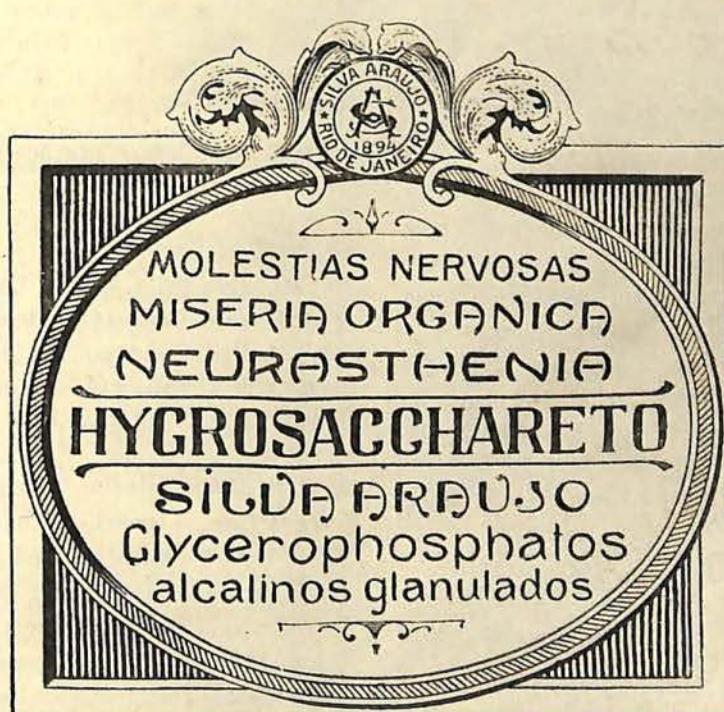
Apparelhos e todos os artigos para gravadores.

Agente Geral dos Snrs. A. W. Penrose & Cia.

Apparelhos e artigos em geral para gravadores

Representante de La Verrerie Scientifique - Paris

Apparelhos a vapor de Mercurio para todos os trabalhos.



Representantes da "A DEFESA NACIONAL"

Na Marinha de Guerra

Cap. Ten. Braz Velloso

No Rio de Janeiro

E. M. E. — Cap. A. Pamphiro
D. M. B. — Ten. Floriano T. Homem.
D. G. I. G. — Ten. Cel. Paulo A. Bastos.
Ars. Guerra — Ten. Rafael Danton.
Fabr. Cartuc. — Cel. Machado Vieira.
M. M. F. — Ten. Panasco Alvim.
E. E. M. — Ten. Jorge Duarte.
E. A. D. — Cap. J. L. Moraes.
E. V. E. — Cap. Dr. J. Benevenuto Lima.
E. M. — Cap. Orozimbo Pereira.
E. M. — Alumno Octavio Silva.
C. M. — Ten. H. Sarmento.
1º R. I. — Major Pedro Angelo.
2º R. I. — Cap. Vicente Formiga.
3º R. I. — Cap. Pedro L. Campos.

C. C. C. — Ten. João C. Gross.
1.º R. C. D. — Ten. Floriano Portugal.
15.º R. C. I. — Cap. Soares da Silva.
1.º R. A. M. — Ten. José Cândido Muricy.
2.º R. A. M. — Ten. Antônio Maráu.
1.º G. A. Mth. — Cap. Silvino Campos.
1.º G. I. A. P. — Ten. Vasco Secco.
1.ª Cia. F. V. — Ten. Antônio Bastos.
Fort. Sta. Cruz — Cap. Ary Luiz.
Fort. S. João — Cap. H. Portocarrero.
Fort. Copacabana — Ten. Julio Lebon Regis.
Fort. Vigia — Cap. F. Fonseca.
Fort. Lage — Cap. Octavio Cardoso.
Regimento Naval — Sgt. Santino Correia de Queiroz.
Pol. Mil. — Cap. Souto Maior.

Fóra do Rio de Janeiro

Q. G. 2.º D. I. — S. Paulo — Cap. Newton Braga.
Q. G. 3.º D. I. — P. Alegre — Cel. Antenor Magalhães.
Q. G. da Circ. de Matto-Grosso — Cap. Pinto Paccá.
Q. G. 5.º R. M. — Curityba — Ten. Altamirano Pereira.
Ars. Guerra — P. Alegre — Cap. F. Correia Lima.
C. M. — P. Alegre — Ten. Nestor Souto.
4.º R. I. — Quitaúna — Ten. Alvaro de Oliveira.
8.º R. I. — Cruz Alta — Ten. Carlos Martins.
11.º R. I. — S. João d'El Rey — Cap. Lucio Ferreira.
12.º R. I. — B. Horizonte — Cap. Luiz G. S. Leão.
13.º R. I. — Ponta Grossa — Ten. Guilhermino dos Santos.
4.º B. C. — S. Paulo — Ten. Salgado dos Santos.
7.º B. C. — P. Alegre — Cap. Jeronymo Braga.
15.º B. C. — Curityba — Ten. Domingos dos Santos.
19.º B. C. — Bahia — Ten. Cruz Cordeiro.
21.º B. C. — Recife — Ten. Oliveira Leite.
24.º B. C. — S. Luiz — Ten. José Maria Rodrigues.
2.º R. C. D. — Pirassununga — Alcides Santanna.

4.º R. C. D. — Trez Corações — Ten. Celso Pedra Pires.
2.º R. C. I. — S. Borja — Ten. Osorio Tuyuty.
9.º R. C. I. — Jaguarão — Ten. Lelio Miranda.
10.º R. C. I. — Bella Vista — Cap. M. G. Nogueira.
R. A. Mixto — Campo Grande — Ten. Cid. Oliveira.
5.º R. A. M. — Sta. Maria — Cap. Osorio Alves.
6.º R. A. M. — Cruz Alta — Ten. Ismar Escobar.
3.º G. I. A. P. — Margem do Taquary — Cap. Americano Freire.
5.º G. A. Mth. — Valença — Ten. Anisio Montarroyos.
1.º G. A. Cav. — Itaquy — Cap. Euclides Sarmento.
3.º G. A. Cav. — Bagé — Cap. Asdrubal Escobar.
Forte Marechal Luz — Ten. Francisco C. Cavalcanti.
Forte de Itaipués — Ten. Abelardo Marcondes.
Florianópolis — Ten. Zoroastro Firmino.
Força Pública de S. Paulo — Ten. Julio Salgado.
Força Pública do E. do Rio — Cap. Silveira do Prado.
Força Pública do Ceará — Ten. Osimo de A. Lima.

A Defesa Nacional

REVISTA DE ASSUMPTOS MILITARES

Redactor-chefe A. PAMPHIRO — Redactor-secretario MARIO TRAVASSOS — Redactor-gerente JORGE DUARTE

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — RUA DA QUITANDA, 74

ANNO XIII

Rio de Janeiro, 10 de Agosto de 1926

N. 152

EDITORIAL

UM SÓ IDEAL: — FRENTE UNICA !

Em nosso paiz, ainda não conseguimos realizar a interpretação das duas formidaveis entidades que são a Nação e o Exercito.

E' que ainda não sentimos as reacções reciprocas entre a Paz e a Guerra. Vivemos de formulas sentimentaes, alheias ás realidades historicas e geographicas que representamos e que nos cercam. Falta-nos o criterio scientifico para nos organizarmos em potencia ponderavel tal qual todos sonhamos para o nosso paiz.

Todo o mundo civilisado gravita em torno de duas phrases de fogo mas que exprimem a lucta como a propria essencia da vida que é a selecção. Uma dellas lançou-a Von Bernhardi — «a guerra é a continuação da política com as armas nas mãos». A outra, emitiu-a Clemenceau, em plena Conferencia de Versailles — «a paz é a guerra conduzida de outro modo».

Outro não podia ser o resultado da crescente industrialisaçao da vida moderna em que as competições economicas se tornam cada vez mais intensas. E, em tal scenario, as palavras de ordem são *Organisação* e *Organisação*. E quando a organisação prima sobre todas as coisas tem-se que reconhecer o Exercito como o grande plasmador da Nação.

De facto; na paz cabe ao Exercito — para a satisfação das necessidades militares do paiz — ser o apparelho de caldeamento social ao mesmo tempo que o condensador das reservas nacionaes; como expressão pratica da soberania nacional é elle o grande estímulo e o grande condensador de todos os crescimentos, de todos os progressos. Na guerra — quando a Nação inteira se mobilisa para a batalha — cabe-lhe enquadrar-a, leval-a nas malhas de sua organisação de campanha á Victoria das proprias armas.

Em resumo — na paz a Nação precisa do Exercito, na guerra o Exercito precisa da Nação. Na paz como na guerra o Exercito tem que ser a espinha dorsal da nacionalidade, sufficientemente forte para que possa articular todos os desdobramentos da vida nacional, flexivel na medida necessaria á homogenisação desses mesmos desdobramentos. Emfim, o Exercito Nacional, como todas as forças que devem representar papel politico-social predominante — tem que pairar acima de tudo e de todos, realizar o esforço apostolico de isentar-se das paixões ambientes, para que possa sentir de perto o rythmo das verdadciras aspirações da Patria.

**

E nós ainda não nos capacitamos dessas velhas verdades. Emergimos celebremente da rotina e dos preconceitos que asphyxiavam a nossa nacionalidade, mas ainda não extirpamos do íntimo de nós mesmos essas taras retardadoras. Queremos ser uma Grande Nação, mas queremol-o mais superficial que profundamente. Falta-nos o *esforço decisivo* no sentido de nos organizarmos a fundo, seriamente.

Eis por que a Nação e o Exército fazem vida paralela tal como se fosse possível, modernamente, a essas duas entidades progredir apartadas uma da outra. Dahi a maior parte das reacções sociaes que se têm verificado nesses últimos annos, *reuccões que iendem a multiplicar-se, á proporção que o paiz evolua para os seus grandes destinos, se não se decidirem os homens publicos pela fusão definitiva da Nação e do Exército Nacional.*

Com efeito; falta á Nação a consciencia do que seja o Exército.

Os cidadãos responsaveis, embora saibam o que seja esta instituição, sahem-no abstractamente. Praticamente confundem-na com o Exército Permanente. Só assim pode-se comprehendêr suas intempestivas e constantes intromissões no que temos de mais caro como sejam as promoções, inclusive as que contribuem para a formação do alto commando, a questão dos efectivos, da repartição da tropa pelo territorio nacional e muitos outros aspectos vitaes da defesa militar do paiz. Pensam que affectam apenas ao Exército quando, em verdade, ferem a Nação.

A massa de nossos patrícios, com quanto não attinja directamente a technique militar — somente porque lhe faltam meios para tanto — ameaça de destruição, com as suas versateis solicitações, a finalidade politico-social do Exército quando nos reconhece o direito e até o dever de voltar contra nós mesmos as armas que a Nação nos entregou. Pensam na salvação da Nação mas apenas conseguem degradar-lhe a ossatura que é o Exército Nacional.

Desse modo, comprimido por todos os lados, incomprehendido, menosprezado, dilacerado por todos os meios é o Exército encarado á parte pela Nação, como

alguma coisa que tenha de viver e agir por conta propria.

Igualmente, falta á totalidade do Exército Nacional a consciencia profunda das transformações successivas por que tem passado de 1908 para cá — *a situação do novo Exército na Nação.*

A' essas transformações não presidiu a firmeza que lhes era imprescindivel. Houve sempre a intenção de contemporizar. Todas as medidas pouco tiveram de decisivo. Temos vivido de palliativos, desses que apenas dão ao enfermo a illusão momentânea da saude. Só se tem feito tratamentos locaes, deixando-se de lado o estado geral do doente. Nem mesmo nos arriscamos a amputação de certos membros que teem continuado a generalisar a grande infecção de que sofremos.

Dahi a heterogeneidade de nossos quadros, campo por demais favorável ás actuações contrarias á definitiva organisação do Exército como instituição nacional — *do Exército-escola, do Exército-reservas, do Exército-Nação.* Todos os principios fundamentaes lançados em meio tão heterogeneo se deformam por continuas refracções.

Assim é que são muitos os cavaleiros que não montam, os infantes que não marcham e os artilheiros que não atiram; os que ainda teem e nutrem com particular carinho o espirito de classe do exercito profissional que via por toda parte, em todas as attitudes o desprêgio do grande Papão que já deixou de existir, apesar de tudo; os que se deixam embalar por doutrinas philosophicas alheias e até contrarias ao espirito militar — todos esses elementos faceis presas, incautos joguetes das paixões ambientes que parecem vir ao encontro de seus pontos de vista pessoaes. Pensam que trabalham para a collectividade quando, em verdade, perdem o melhor de sua actividade e comprometem elementos outros ainda não consolidados pela idade ou pelo posto.

Em face desse conjunto de coisas é facil comprehendêr-se que ainda haja dentro do Exército uma serie de preconceitos conduzindo a se o admittir como a parte da Nação, como o seu mentor como um faz e desfaz situações.

Eis ahi. Dobrando-se uns aos caprichos politicos dominantes, rebellando-se outros excitados pelas correntes de opinião, quasi todos escapam da unica linha de conducta compativel com o Exercito como instituição nacional e que se pode definir n'uma só palavra — *estabilidade*.

**

E a crise mundial surprehendeu-nos no auge desse formidavel mal entendido. Faceis como somos em adaptar a nós as coisas dos outros, queremos a todo transe encontrar no Brasil razões para golpes de Estado e pronunciamentos armados. Esquecemo-nos de que a crise geral só pôde affectar-nos indirectamente devido á nossa incipiente economia; que, assim sendo, não pôde conseguir subverter os valores, porque não somos terreno fatigado como os Estados europeus, por que nos sobra vitalidade e podemos fazer a semementeira do nosso futuro mesmo a flôr da terra sem precisar revolvel-a a golpes de espada e irrigal-a com sangue patrício, calcando sob o tâncio de nossas bótas a ordem civil constituida.

A não ser os que actuam calculadamente — casos que nos dispensamos de considerar — é de crêr que todos os mais se surponham com a razão.

Não o discutiremos. Noso objectivo não é aumentar a afflictão ao grande soffredor que é o nosso amado Brasil, aumentando as dessidencias, resolvendo dôres amargas heroicamente supportadas por quantos — onde quer que seja — tenham sido animados por impulsos sinceros.

O que desejavamos resaltar — e já é tempo de fazel-o — é o doloroso mal entendido em que inutilmente todos os brasileiros se debatem. Não será por decretos mais ou menos pomposos ou por golpes brutaes de força ou por qualquer façanha magica que levaremos o paiz a altura condiga. Coisas como tales pouco ou em nada alteram as circumstancias

ambientes, com ellas não se consegue mais que trocar os signaes dos valores em jogo. A nacionalidade brasileira tem a sua evolução a fazer-se atravez interminavel serie de problemas cujas soluções dependem de caldeação racial, da producção e das communicações, de alphabetisação e educação. Só ha um meio de acelerar essa evolução — é manter-se em equilibrio estavel o meio social.

E a base de partida para attingir-se esse equilibrio está na interpenetração da Nação e do Exercito Nacional — a Nação se desenvolvendo livre de qualquer pressão, o Exercito como a manifestação positiva, afirmativa do seu progresso e da sua segurança.

Porque não consolidarmos nesse *ideal* todas as nossas accões, todos os nossos pensamentos? Porque não cerrarmos todas as nossas energias em torno deste principio? Porque não pleitearmos junto aos cidadãos responsaveis e á massa de nossos patrícios o *direito* e o *dever* de organisarmo-nos definitivamente em potencia militar, visando realisar amplamente a nossa *triplice finalidade social, política e militar*? Porque não solicitarmos — num formoso gesto de renuncia — as medidas necessarias para que o Exercito encarne esse ideal e constituamos todos nós a *frente unica* á cuja barra virão morrer todos os preconceitos? Não seria essa a *formula pratica*, e efficiente para o restabelecimento da solidariedade dos militares entre si e entre os militares e civis? Hoje que cada um de nós é responsavel pelos proprios actos; que mais não é possivel a solidariedade de fileira, immediata, aggressiva; que a solidariedade não é mais *companheirismo*, mas deve ser disciplina intellectual e moral regida por um alto designio, avultando como um ponto de direcção afastado, não seria esse *unico ideal* a realisacão de *frente unica*?

Meditemos profunda e sinceramente sobre todas essas perguntas e que o nosso meio civil e militar já comporte resposta afirmativa para cada uma dellas!

Aproposito da situação Militar

Considerámos em nossa primeira parte as questões de ordem mais geral e relativas á formação dos exercitos. Vejamos hoje, mais particularmente, como se encaravam ha cinco séculos as questões relativas á infantaria e á cavallaria, como prometteramos, e tambem em complemento, algo da artilharia que, sendo naquelle época mero accessorio no combate offensivo, só possuía um valor accentuado atraç das muralhas das praças fortes.

O segundo plano em que é relegada a artilharia na guerra de movimento tem origem na sua pouca mobilidade, no seu fraco alcance e na lentidão do seu tiro. No entanto, o apparecimento d'essa arma exerceu, como é sabido, sua influencia tática alterando os processos de combate e reagindo sobre as formações. Nada mais, nada menos, em todo caso, que uma influencia da mesma ordem que a produzida pelo maior alcance, maior calibre e rapidez do tiro, nos processos de combate e formações do campo de batalha nos nossos tempos.

Passaremos sobre todos esses assumptos rapidamente, para não alongarmos demasiado este artigo.

Terminaremos, porém, pela transcripção de alguns preceitos táticos de então, não difíceis de encontrar ainda nos mais modernos regulamentos, e que dispensam commentarios.

Creemos ter assim visto uma prova de fixidez e immutabilidade das leis da guerra, base da mentalidade que convem fixar.

* * *

A infantaria formava, como hoje, o arco-bouço dos exercitos. Era recrutada entre os homens de 17 a 44 annos que se agrupavam em diversas formações, cujo conjunto formava o Exercito. Depois de recrutada, era armada e instruida. A instrucção comprehendia, como hoje, dois ramos: instrucção technica propriamente dita e instrucção tática.

Vejamos primeiro o armamento.

E' sabido que as armas de arremesso tinham naquelle tempo uma importancia secundaria porque, de fraco alcance e mortosas nos disparos, não interpunham entre os exercitos em luta espacos consideraveis que não pudessem ser transpostos sem graves perdas. Por isso, a luta principal travava-se peito a peito.

Nessas condições, vemos tomar grande importancia as armas defensivas, escudos, couraços, etc., de uso individual e fazendo parte do armamento. Hoje, o principio, que dictava semelhantes usos, mantem-se de pé, transformado em instrumentos de sapa, trincheiras e abrigos, cascos de aço, mascaras contra gases, etc., modificações necessariamente impostas pelos progressos do armamento.

Eram ainda as necessidades do emprego que dictavam a escolha das armas offensivas:

usavam-se varias armas, cada uma, porém, com suas missões, destinos especiais.

« Não esqueçais que a infantaria pôde ter de combater a infantaria como a cavallaria e que ella se torna inutil se não pôde resistir á cavallaria e se, estando em estado de resistir a esta, é inferior a outra infantaria melhor armada e melhor disciplinada ».

E mais adeante:

« A infantaria allemã tem sido sempre batida cada vez que tem combatido tropas a pé da mesma disciplina e de igual coragem, por causa da inferioridade de suas armas. Philippe Visconti, duque de Milão, sendo atacado por 18.000 Suíssos, lançou contra elles o general Carmagnuola, que dispondo apenas de alguns infantes e 6.000 cavaleiros, foi por elles batido, com grandes perdas. Homem habil, percebeu a causa de sua derrota na superioridade das armas inimigas (grandes piques) contra sua cavallaria.

Reuniu de novo suas forças e tornou a atacar mas com seus gendarmes a pé. Todos os suíssos pereceram á excepção de 3.000 que depuzeram as armas.

Tal resultado se explica:

« O comprimento do pique impede o allemão de servir-se d'ele contra um inimigo que o preme de perto; elle é obrigado a abandoná-lo e tomar a espada que se torna inutil sem armas defensivas, contra um inimigo todo revestido de aço ».

E', portanto, ainda hoje o que se observa: tornar o armamento apropriado ao combate.

Felizmente temos realizado em nossa infantaria uma bellissima applicação desse principio, na intelligent construcção a nós legada pelo superior talento do general Gamellin. Referimo-nos á metralhadora leve, essa admirável arma que acompanha passo a passo, com seus fogos, rajadas violentas e efficazes, o progredir lento do infante. Possuindo do F. M. quasi a mesma maneabilidade e da metralhadora pesada quasi a mesma firmeza e velocidade de tiro; não se deixando como esta distanciar pelos que avançam, nem como aquelle destrair-se em frente restricta, sabe guardar os flancos (de perto), preencher efficazmente os intervallos na offensiva e sabe na defensiva fazer flanqueamentos efficazes creando zonas de morte certa. E' a arma por excellencia do commandante de batalhão.

Se a nossa infantaria está armada conforme as necessidades de seu combate, o mesmo não podemos dizer em relação á cavallaria.

Vemol-a dotada de lança, cuja applicação tem um caracter eventual e não é para os nossos cavaleiros de mais seguros efeitos que a bôa espada; não vemos armas automaticas sufficientes com que haja de dominar de um golpe, como é de sua maneira normal de agir.

Dadas as diferenças entre as divisões de infantaria nossas e as francezas não vamos

exigir que a nossa D. C., como a francesa, possa em linha o mesmo numero de armas automaticas que uma D. I., mas achamos indispensavel que ella possa plenamente realizar suas missões offensivas e defensivas.

Como poderá a cavallaria dar a impressão de uma frente continua de fogos, com a fraca dotação que tem de armas automaticas, em largas frentes de 10, 12 e mais kilometros?

Vejamos agora a instrucción da infantaria.

Esta consistirá em: «quaesquer que sejam as armas do soldado, seus exercícios devem ser o principal objecto de nossos cuidados, senão d'ellas não tiraremos o menor partido útil. E' preciso encaral-los sobre tres aspectos:

1.º dar resistencia á fadiga, habituar a supportar todos os males, dar agilidade e dextreza;

2.º ensinar a manejar e applicar as armas;

3.º ensinar a conservar seu lugar no Exercito, seja na marcha seja no acampamento, seja no combate».

Não deve ser hoje diferente o preprado soldado, e assim atestam os nossos regulamentos mais modernos. No entanto, não podemos de consciencia afirmar havel-los comprehendido ainda, mesmo resalvada a situação actual do serviço militar. Certas praticas velhas revelam entre nós falta de assimilação. E' que para assimilar-se uma doutrina qualquer, não basta ter o conhecimento das noções theoricas e é preciso possuir uma practica correspondente. Ninguem assimilará geometria pelo simples conhecimento dos enunciados; é indispensavel comprehender as demonstrações e saber applicar os theoremos a problemas dados. Só após vencer dificuldades practicas se poderá afirmar a posse de uma assimilação real.

Com uma doutrina de guerra é peior porque os dados variam ao infinito e há uma multidão de detalhes influentes a considerar. D'ahi resulta uma maior necessidade de exercicio e practica para atingir a assimilação levada até o estado dos reflexos, o que é imposto pelo caracter de urgencia que tomam as soluções.

No seculo XV começava-se por «tornar os jovens ageis, exercitando-os em correr, tornal-los fortes, fazendo-os lutar e arrancar estacas da terra; tornal-los dextros treinando-os em saltar».

Apóz, vinham os exercícios apropriados ás armas do tempo, cujo manejo era praticado até nas menores minucias, porque se tinha sempre em vista que «no combate não ha pequena vantagem que não seja muito importante» e que «por toda parte os erros se podem corrigir, mas os que se commettem na guerra trazem imediato castigo».

Esse cuidado da instrucción era levado a rigor entre os antigos, a ponto de até aproveitarem para isso as festas publicas.

Hoje praticam-se desportos, muito uteis, cuja organização, porém, poderia tomar um caracter mais productivo á nossa defesa.

«Estes diversos exercícios eram muito facéis para os antigos e não ha hoje republica ou

monarchia que não possa a elles habituar seus jovens. Vê-se a prova em algumas cidades onde estão em uso. Grupam-se os habitantes em diferentes tropas e cada uma toma o nome derivado das armas de que se servem seus homens na guerra, excluidos os que, por sua idade ou outros motivos, não são proprios á guerra. Nos dias de festa fazem-se torneios em que todos tomam parte no exercicio das armas de que adoptaram o nome».

A instrucción tactica era mais difficult, como hoje, de ministrar á população. Ella exige uma organização, organização semelhante áquelle com que as tropas terão de fazer a guerra.

Tal como hoje, essa organização serviria ainda como que de veículo para a nação transitar do estado de paz ao estado de guerra, alem das utilidades da instrucción.

Propunha o autor para o seu paiz a organização de brigadas, constituídas de batalhões dos quais apenas alguns existiriam organizados na paz. «Toda republica ou todo monarca que quer formar seus cidadãos ou subditos para a guerra, deve armal-los e organizal-los; e, depois de os ter devidido em tantas brigadas quantas o paiz comportar, para instruir-los, é bastante tomar batalhão por batalhão. Com quanto o numero de homens de cada corpo não possa formar um verdadeiro Exercito, cada homem pode aprender assim tudo que a guerra exige».

Mutatis mutandis, não é outra cousa o que ainda hoje se faz.

Esses batalhões e brigadas eram armados e organizados conforme as probabilidades de seu emprego e instruidos em consequencia. «Já vos tenho dito que a ordem de batalha adoptada admite todas as modificações impostas pela natureza do inimigo e do terreno «porque é sempre o inimigo e o terreno que devem determinar nossas disposições».

Tomemos agora as questões que se referem mais directamente á cavallaria.

O methodo para armar, instruir e empregar a cavallaria é ainda o mesmo e attende ás suas propriedades especiaes.

No entanto, convem notar a apreciação que o autor faz em relação ao *choque da cavallaria* que ainda parece causar certa impressão em alguns espiritos mesmo depois do que já escreveu Ardant du Picq.

Diz o autor da obra de que tratamos: «Não me digais que a impetuosidade com a qual se lança o cavallo faz com que seu choque seja mais terrivel; desde que elle começa a perceber que é através das pontas dos piques que é preciso passar, por si mesmo retarda a corrida e, quando se sente picar, volta logo á direita ou á esquerda».

E' evidente que o autor considera a cavallaria inferior no combate á infantaria, por causa de seus meios naturaes, de accão a cavallo, então quasi unicos.

«Os exemplos que vos tenho citado provam que, em nossos tempos mesmo, ella (cavallaria) tem recebido reverses e será sempre assim todas

as vezes que ella atacar uma infantaria armada e ordenada como tenho dito acima».

Não será difícil imaginar qual seria a opinião deste autor n'uma época em que o canhão dispara a 8 e 10 tiros por minuto, alcança 12 kms. e a infantaria possue armas que alcançam até 4 kms. e disparam 500 tiros por minuto!

Não dispondo dos meios de acção de que hoje dispõe, a intervenção da cavallaria na batalha era secundaria e, por isso, seu papel muito inferior ao que é hoje nos exercitos.

No entanto, era necessaria e imprescindivel para preencher o papel que ainda hoje desempenha, embora de um modo mais completo agora que tem os recursos do armamento, armas automaticas e canhões, e o concurso da aviação.

« Sem duvida que é preciso ter cavallaria, não como base e sómente como força secundaria do exercito. É muito util e necessaria para ir a descoberta, correr, varrer o paiz inimigo, tel-o sempre sob armas, interceptar os viveres; mas na batalha, objecto e fim principal dos exercitos, ella não pôde prestar grandes serviços; ella só é util para perseguir o inimigo posto em derrota ».

Taes considerações fizeram surgir naquelle tempo objecções e entre elles as derrotas sofridas dos parthas, pelos romanos.

A elles a resposta: « um ou outro povo venceu conforme era cerrado ou extenso o logar do combate. No primeiro caso, eram os romanos os vencedores; no segundo os parthas, cujo exercito achiava grandes vantagens no paiz que tinha a defender. »

Eram vastas planicies longe do mar, cortadas de rios afastados de 3 e 4 dias de marcha, não offerecendo, senão a grandes distancias, cidades e habitantes. Neste paiz, protegido por una cavallaria muito activa, que hoje se apresentava num logar e amanhã a 50 milhas distantes, o exercito romano, retardado pela lentidão de sua marcha, não podia dar um passo sem correr os maiores perigos.

Esta é a causa da ruina de Cassus e dos perigos que correu Marco Antonio ».

Para accentuar melhor a superioridade de meios da infantaria em combate contra a cavallaria diz elle:

« São raros os casos em que a infantaria não poderá, só pela disposição do terreno, preservar-se contra a cavallaria. »

O menor obstáculo torna vã toda impetuosidade de uma carga de cavallaria ».

De outra parte, mostra que a cavallaria tem vantagens em combater a pé, o que não é uma novidade como ha quem pense:

« Também César, tendo de combater os helvécios nas Gallias, fez apear toda sua cavallaria e ordenou afastar os cavallos do campo de batalha ».

Em vista destes empregos era a cavallaria d'aquelles tempos provida de armas que

lhe permitisse o combate a cavallo — lanças e espadas — e o combate a pé — espadas, escudos e couraças.

Vejamos agora algo da artilheria.

Os efectos dessa arma nova não eram despresiveis em absoluto; eram, porém, mais fáceis de combater que hoje.

« Para preservar dos efectos da artilheria, não ha outro meio que se pôr fóra de seu alcance ou cobrir-se com intrincheiramentos de grande resistencia. Um general que quer, porém, combater não pôde encerrar-se em muralhas ou intrincheiramentos, nem se pôr fóra do alcance da artilheria; é preciso, então, que trate de soffrer seus efectos o menos possivel e, para isso, deve procurar apossar-se della o mais depressa possivel. É preciso, então, precipitar-se contra ella — (era bem simples ha cinco séculos a contra-bateria...) — em corrida rapida e não em passo cadenciado e em massa.

A vivacidade da corrida não permite ao inimigo atirar segunda vez e com fileiras abertas menos soldados são atingidos ».

Infelizmente não temos lazer que nos permitam entrar em maiores minucias por certo muito interessantes, e que servem para corroborar a convicção que devemos ter de como as novidades actuaes nada mais são que adaptações a situações particulares de factos e leis eternas. D'ahi se pôde facilmente concluir a immensa vantagem que usufruiremos agora que as leis são conhecidas, desde que tenhamos paz de espirito bastante para percebel-as, comprehendel-as e segui-las.

Em conclusão, vejamos alguns excertos, citados apenas, sem commentarios, para não lhes toldar a eloquencia:

I. « Com quanto estes exercitos sejam divididos em vanguarda, corpo de batalha e retaguarda, estas divisões não servem senão durante a marcha e o estacionamento; no combate o exercito inteiro ataca ».

II. « Teríeis vós sempre a mesma ordem de batalha em todas as ocasiões? Não, sem duvida. Eu a mudarei conforme a natureza do terreno, a especie e o numero dos inimigos... É sempre o inimigo e o terreno que devem determinar nossas disposições... Tende cuidado de nunca collocar vosso exercito perto de uma montanha ou dum logar vizinho, porque se o inimigo delle se apossa, sua artilheria pôde vos fazer grande dano e não tendes meios de defesa ».

III. « Bate-se ou se é batido. No primeiro caso, é preciso perseguir o inimigo com a mais viva rapidez.

No segundo caso, deve o general examinar se elle não pôde tirar algum partido de sua derrota, sobretudo quando ainda lhe restam algumas forças. Deve-se procurar aproveitar da negligencia do inimigo que muitas vezes segue a victoria.

Elle procurará tornar sua derrota o menos fúesta: tirar ao inimigo os meios de perseguir; semear obstáculos atraç de si ».

IV. «Em todo caso é preciso sempre combater mesmo com certa desvantagem; porque vale mais tentar a fortuna que, apesar de tudo, pôde ser favorável, do que, irresoluto, sofrer uma ruina certa. Um general é tão culpável de não combater como de deixar escapar, em qualquer tempo, uma occasião de vencer por ignorância, ou fruixidão».

V. «Não se é jámais vencido senão quando se teme ser vencido».

VI. «O exercito romano fazia sempre marchar deante de si alguns esquadrões de cavalaria para esclarecerem o caminho».

VII. «Se o inimigo vos atacar em varios pontos sem ser muito superior em forças, se enfraquecerá em toda parte e vos será fácil manter-vos de um lado, repellir de outro e vencer em pouco tempo».

VIII. «Muitas vezes as ordens mal interpretadas têm causado a derrota de um exercito; é necessário então, dar commandos claros e precisos».

VIII. «A disciplina militar não é outra causa que a arte de commandar e executar com precisão».

IX. «Pensai bem que quando marchais em um paiz inimigo correis mais perigos que num dia de batalha».

X. «Um grande general deve ser instruido a fundo de tudo que diz respeito á arte da guerra. E isto não basta, é necessário que possa achar por si mesmo todas as regras que necessitam. O espirito de invenção jamais fará nada. Tem-se louvado Alexandre quando querendo levantar acampamento, sem despertar o inimigo, fez anunciar a partida do exercito sem trocar as trombetas, ferindo um casco apenas. Outra vez, no momento de engajar o combate, ordenou a seus soldados pôr o joelho esquerdo em terra afim de receberem melhor o primeiro choque. Isto deu-lhe a victoria e tanta gloria que as estatuas em sua honra o representam nesta posição».

XI. «Todo cuidado que se dá á disciplina militar tem por fim preparar o exercito para a batalha».

XII. «Tudo que serve vosso inimigo vos prejudica; tudo o que o prejudica vos é útil».

Não engajai jámais uma accão sem a esperança de vencer.

As melhores resoluções são as que se conservam occultas até o momento da execução.

Uma das maiores vantagens na guerra é conhecer a occasião e saber aproveitá-la.

A disciplina vale melhor na guerra que a impetuositade.

Quando se dá uma batalha, vale mais reservar reforços atraç da primeira linha que espalhar as forças extendendo sua frente.

Durante o combate, se quereis evitar a desordem, não dai jámais a um batalhão outro emprego que o que lhe foi dado de inicio».

XIII. «Soldados, ferro, dinheiro e pão eis ali o nervo da guerra; destes quatro elementos

os dois primeiros são os mais necessarios posto que com elles se obtém os outros dois».

XIV. Finalmente: «O verdadeiro laço de um exercito é a consideração que o general nelle gosa, a qual só deve a seus talentos e que esperará em vão de seu nascimento ou de sua autoridade».

CONCLUSÃO

Temos por legitimo concluir reafirmando que a insuficiencia pratica que o instituto de nossa defesa nacional ainda accusa, reside notadamente na ausencia de uma mentalidade conveniente: quer na nação, a bem dizer de um modo completo; quer no Exercito, um pouco menos, por que ahi é o phemoneno sentido, no minimo por alguns de seus membros.

Não é isso um phemoneno social que nos apparece isolado. Ao contrario, vem entrelaçado com todos os outros da mesma natureza e toma com elles aspectos semelhantes.

Na ordem politica, de que o problema militar depende intimamente, a ausencia de uma mentalidade predominante é tambem o traço caracteristico essencial. Esse não é, porém, um mal exclusivamente brasileiro, coexiste em quasi todas as patrias; atenuado n'umas, aggravado n'outras, conforme dominam os partidos politicos ou os individuos, quando não existem partidos.

Nos regimens parlamentares, onde mentalidades diversas se revesam no poder, conforme os partidos em voga, o progresso apresenta um caracter descontinuo, oscillante. Nos paizes mais ou menos dictatoriais, que o são quasi todos de regimem presidencial, o progresso é uniforme e continuo, embora nem sempre rapido, como se dá no Rio Grande do Sul, se ha um partido politico dominante; ou, tem o caracter oscillante dos regimens parlamentares, se predominam em vez de partidos apenas individuos. Nesse mesmo caso, ha ainda saldo a favor do presidencialismo porque as mudanças são menos rapidas e os prazos de mando em geral mais dilatados.

Como, pois, resolver o problema militar sem resolver o problema politico?

Jámais será possível obter uma solução completa sem que os politicos adquiram um modo uniforme de encarar as necessidades da defesa, porque são elles os doadores dos meios. É necessário que tenham uma mentalidade uniforme, a tal respeito pelo menos.

Para se chegar até lá o melhor recurso é tornar os orgãos permanentes da defesa o mais independentes possivel da politica, o que evitara o envolvimento das questões militares nas questões de ordem partidaria.

Isto feito, crear desenvolvida ao maximo a mentalidade guerreira da força permanente. É obra facil e para a qual ha sobejos recursos, no caos orçamentario, das dotações que nos cabem, desde que adaptemos as verbas ás necessidades mais urgentes.

Para a formação dessa mentalidade basta tornar obrigatorio o dever da instrução para todos os postos, e fazer cumprir os regulas

mentos mantendo o seu espirito rigorosamente, imperturbavelmente.

Esse resultado não será conseguido, porém, sem que a hierarchia militar haja attingido um grão elevado de cultura e tanto mais elevado quanto maior o posto.

Portanto, instruir o quadro todo em seu conjunto; melhorar as condições da hierarchia, por uma selecção rigorosa.

Para instruir os quadros em seu conjunto, tornar obrigatorios os cursos da M. F. e crear

os que faltam; para reformar a hierarchia, nova lei de promoções e nova lei de reforma.

O problema da instrução não ficará assim definitivamente resolvido, o que só poderá ser obtido por uma hierarchia realizada de facto, mas encontrará ahi uma optima base de partida.

Se não perdemos de vista que um exercito vale o que valem seus quadros, bem podemos aquilatar da capital importancia dessas reformas.

Não são elles as unicas a effectuar, bem o sabemos, e comportam outras paralelas, mas parecem ser as fundamentais.

QUINTA ARMA — SALVE !

O senador Carlos Cavalcanti apresentou ao Senado Federal o projecto que estabelece a nossa Aviação Militar como a quinta arma do Exercito.

No ponto de vista estrictamente militar nada mais urgente nem mais logico.

Basta considerar-se a primeira de suas consequencias — a formação dos quadros da aeronautica.

Com effeito; a aviação com pilotos e observadores tomados por emprestimo das armas; seus órgãos de direcção entregues a officiaes leigos no «métier» dos ares; as formações aereas sem a consistencia organica necessaria são aspectos que, por si sós, resaltam as vantagens immediatas da criação de quadros especiaes.

Mas, o projecto vai além disso. Prevê com elevação de vistas digna de registo o recrutamento, o acesso, a reforma e as garantias materiaes que devem manter sempre flammejante a chama de ou-sadia que levará os nossos patricios ao domínio do ar. E as prescrições a esses respeitos são de molde a afastar os inconvenientes que se têm verificado na criação ou ampliação de quadros que temos feito nas armas e em outros serviços.

Em todo o texto nota-se a intenção de ser honesto, verdadeiro, de resolver realmente o problema da Nação ao em vez de attender aos interesses pessoais.

**

Ao nosso vêr, porém, o que ha de mais notavel no projecto em questão são os laços que estabelece entre a aviação militar, a aviação naval e a aviação civil — ou sejam os aspectos nacionaes do projecto.

Evidentemente nada nos adeanta posuir uma Aviação Militar que seja um kisto na Nação. Ao contrario, precisamos que ella seja ao mesmo tempo o arcabouço das azas do Brasil e constante estimulo para que as nossas azas cada dia se tornem mais amplas, vão mais longe e voem mais alto.

Desse modo o projecto referido regula o controle de todo o movimento aviatorio do paiz; cogita de fazer do pessoal e do material da aviação civil reservas vitaes do Serviço de Aeronautica; prevê os cuidados que se deve ter em estimular todas as fontes de onde possam brotar iniciativas aviotorias. Não se vê o Exercito como coisa a parte da nação mais intimamente ligado ás necessidades e possibilidades nacionaes.

**

Assim, além do primeiro passo para a «decollage», offerece-nos esse projecto notavel exemplo de como se devem organizar todos os demais aspectos da defesa nacional.

Essa é excellente oportunidade para que se sinta a importancia da estreita iustaposição das questões militares ás suas homologas civis. A razão principal de ainda não termos aviação de nenhuma especie está em havermos pretendido fazel-a no compartimento estanque dos Afonsos.

Agora sim, voaremos. Não está em jogo o Exercito. Nas azas da Nação é que vamos voar. A Nação é que voará arregimentada, instruida, abastecida e dirigida pelos technicos militares.

Muito bem!

Idéas sobre a organização militar Argentina (1)

II

DIVISÃO REGIONAL QUE CÔNVIRIA E CENTROS CORRESPONDENTES

Levando em conta o criterio da maior equivalencia possivel da população das diferentes regiões, a conservação da subdivisão politica do paiz e a melhor possibilidade de reunião por vias ferreas dos respectivos territorios, uma conveniente divisão regional seria a seguinte, com os centros que se denominam:

Primeira Divisão — Capital Federal.

Segunda Divisão — Província de Buenos Aires, limitada ao Sul pela linha Mar del Plata, Tandil, Olavarria, Pigue, Derrattgueira, exclusive. Commando em Campo de Mayo (corpos «escolas» das diferentes armas).

Terceira Divisão — Províncias de Entre Ríos e Corrientes e Territorio de Missões. Commando em Paraná.

Quarta Divisão — Províncias de Córdoba, La Rioja e Catamarca. Commando em Córdoba.

Quinta Divisão — Províncias de Tucumán, Santiago del Estero, Salta e Jujuy e Territorio dos Andes. Commando em Tucumán.

Sexta Divisão — Província de Buenos Aires, ao Sul da linha acima referida, ella inclusive, e Territorio de La Pampa, Neuquén, Rio Negro, Chubut, Santa Cruz e Tierra del Fuego. Commando em Bahia Blanca e forte guarnição em Neuquén.

Setima Divisão — Províncias de Mendoza, San Luiz e San Juan. Commando em Mendoza.

Oitava Divisão — Província de Santa Fé e Territorio do Chaco e Formosa. Commando em Santa Fé.

Só depois de feita está divisão territorial e a correspondente distribuição de guarnições das tropas de paz é que se poderá traçar um plano de construção de quartéis. Mas é preciso ficar subentendido que a falta momentânea de quartéis não deve servir de pretexto para

demorar de um dia a necessaria transformação do Exercito. Por mais de uma vez temos sentido as consequencias da ausência de tropas de linha nos dilatados Territorios do Sul e esta situação não pode subsistir. Assim o exige a manutenção da soberania nacional.

AS GRANDES UNIDADES DE CAVALLARIA

Presentemente as grandes unidades de cavallaria se constituem dentro das circunscripções de algumas das Divisões de Exercito existentes, levando em conta, quanto á sua localisação, que elles devem encontrar-se em regiões que, pela densidade de sua população, permittam seu facil recrutamento e mobilização, ao mesmo tempo que seu rapido deslocamento para pontos do paiz onde terão seu provável emprego.

Tal criterio é acertado e deve ser mantido. Estas unidades de cavallaria não podem, por si sós, completar o sistema de Divisão militar do paiz, ocupando o lugar de Divisão de Exercito, pois são órgãos do Exercito em Campanha, destinados á grande exploração para a frente, enquanto que estas ultimas são partes constitutivas da massa do Exercito; e essas unidades de cavallaria, nem pela sua missão, nem por sua capacidade combativa mais limitada, podem subsistir ás Divisões de Exercito.

O numero actual de tres grandes unidades de cavallaria parece sufficiente.

A INSTRUÇÃO DAS RESERVAS

Dé nada serviria o melhor sistema de preparação de um Exercito, grande ou pequeno, baseado no serviço militar obrigatorio, se não houver a obrigação de attender devidamente á outra condição indispensável á aptidão daquelle para a missão a que está destinado: a instrução das reservas.

E' sabido que são as reservas que formam a massa de um Exercito mobilizado, massa na qual ficam diluidos os efectivos permanentes de paz, consi-

(1) Veja-se o n.º 149-150 de Maio e Junho.

tuindo estes, quanto são tão reduzidos como os nossos, uma debil porcentagem dentro do conjunto. E deve-se pensar no escasso valor que terá um Exercito quando faltam ás suas reservas o grão de preparação sufficiente e o treinamento necessario, requeridos pelas duras exigencias da vida de campanha e por outras ainda mais duras e que são as da luta com um adversario instruido e aguerrido. A historia recente das guerras europeas nos dá tambem um exemplo nesse sentido: o colossal panico do exercito turco (guerra de 1912 contra os paizes balcanicos) nos acontecimentos de Kirkilisé onde uma massa de 80.000 homens, impressionada pelos primeiros encontros da vanguarda, com as tropas bulgares, poe-se em fuga, alastrando os campos com as suas armas e petrechos. E não é que aos soldados turcos faltassem condições guerreiras; largos seculos de luta lhes crearam um conceito de alto grão. E' que se tratava, no caso citado, de reservistas que haviam passado muitos annos sem serem repassados pelas fileiras, afim de refrescarem e manterem a sua instrucção e treinamento militar.

E a este respeito temos que fallar outra vez com clareza, para nós. As reservas do nosso Exercito — e faz mais de vinte annos que se instituiu o serviço militar obrigatorio — nunca foram chamadas, por falta de recursos correspondentes, para breves periodos de instrucção que lhes permittam manter sua aptidão militar, já por si tão escassa em consequencia do seu curto e insufficiente tempo de passagem pelas fileiras. Em tais condições e sem nenhum exagero, pôde-se afirmar que as reservas do nosso Exercito não possuem mais valor que as dos turcos de Kirkilisé. Compete aos Poderes Publicos e ao paiz inteiro tomar tambem neste particular as medidas oportunas, para que não cheguemos a ficar expostos a contingencias tão fatais como as que o referido Exercito teve que soffrer. Um prudente augmento do tempo de serviço das fileiras para satisfazer ás enótrias exigencias da instrucção militar de hoje e um chamado periodico de determinadas classes de reservistas para manobra, de curto prazo, são as medidas a serem adoptadas na solução do problema da melhor preparação das reservas.

A CONSTITUIÇÃO DOS AGRUPAMENTOS

A constituição dos agrupamentos é outra questão tambem importantissima, na qual, qualquer passo em falso, accarretará as mais funestas consequencias, porque ella constitue tambem uma das bases para a compra de armamentos destinado á instrucção da tropa e para a realização dos longos e complexos trabalhos de organização e mobilisação, em cujos problemas não se pôde estar a fazer ensaios, porque affectam á economia e á segurança nacionaes.

São problemas que se nos seus detalhes pôdem estar sujeitos a aperfeiçoamentos experimentaes, de maneira nenhuma o podem estar nas suas linhas fundamentaes, as quaes devem ser categorica e definitivamente traçadas antes de entrar em execução. Por isso, toda reflexão é pouca na determinação dessas linhas fundamentaes.

As extraordinarias proporções em que se desenvolveu a guerra européia, tanto pelas massas enormes contrapostas, como pela somma de energias dos povos em jogo, deram nascimento a tão diversos elementos de combate e produziram transformações tão profundas nos processos de condução do mesmo, que abalaram fundamentalmente as bases da organização daquelles velhos exercitos, tendo sido atingidos pela commoção até mesmo os do nosso continente. (Ao fallar de guerra européia se deve entender que se traçam os acontecimentos dos paizes centraes e do Occidente, que foram os que verdadeiramente imprimiram o carácter ás transformações). Ha razões naturaes para que esta commoção nos alcance: é que possuindo nós as mesmas doutrinas táticas dominantes nos principaes exercitos europeus e provendo-nos de materiaes bellicos naquelles paizes, forçosamente estamos sujeitos a uma sensivel influencia das suas transformações. Mas acontece que existem tambem factores, de ordem humana talvez, que tendem a dar á commoção uma intensidade maior do que a natural, dentre os quaes se pôde citar o espirito de novidade, que muitas vezes leva á adopção precipitada das coisas novas; e outro, mais perigoso ainda, os interesses commerciaes da industria da guerra, que desejaria fazer aceitar inte-

gralmente nos nossos paizes a sua actual producção, quer nos convenha ou não, e que não ha de escolher meios para alcançar seus propositos.

Eis ahi porque o primeiro e capital criterio para resolver estes problemas deve ser o libertar-nos por completo destes factores perturbadores, afim de apreciar e resolver as cousas unicamente tendo em vista as conveniencias reaes e praticas do paiz.

Estas conveniencias nos vedam terminamente, antes de tudo, acceitar as cousas da Europa, em materia de armamentos e organisação, pela unica razão de terem elles sido applicadas ou continuarem sendo applicadas ahi. Estas questões estão intimamente relacionadas com as condições geographicas, economicas e industriaes proprias e para resolvê-las temos que considerar essas condições. Somente um estudo profundo, sob todos esses aspectos, é capaz de levar-nos a conclusões acertadas sobre «o que devemos adoptar e sobre «o que podemos adoptar».

Tão pouco nos devemos deixar influenciar pelo que outros paizes do continente possam fazer em relação a este assumpto. Sendo as suas condições economicas e industriaes semelhantes ás nossas e tendo elles que operar, talvez em theatros parecidos, segue-se que se todos procederem com sensatez, ajustando-se ás exigencias de taes factores, chegaremos todos ás mesmas conclusões; e se algum delles commetter erros, fazendo adopções desnecessarias ou inapplicaveis, não ha nenhuma razão para acompanhá-los no erro.

O CRITERIO QUE CONVEM

Vejamos que é «o que necessitamos adoptar» e que é «o que podemos adoptar» dos novos armamentos e organizações dos Exercitos europeos.

Para termo de comparação nesta investigação, é vantajoso tomar a divisão allemã de antes da guerra — que, pôde dizer-se, foi a base da unidade de operações entre nós e tambem entre alguns dos nossos vizinhos — e a divisão allemã actual como se calcula que ella esteja organisada presentemente, a cuja organisação terão que se approximar provavelmente os paizes que já tinham aquelle modelo.

Os caracteristicos principaes da antiga divisão allemã e da actual, em sua composição de guerra, são os seguintes (contando somente infantaria e artilharia).

INFANTARIA

Combatentes com fusil: Divisão antiga, 12.000; divisão actual, 3.500 (mais ou menos).

Metralhadoras leves: Divisão actual, 324 (mais ou menos).

Metralhadoras pesadas: Divisão antiga, 72; divisão actual, 108 (mais ou ou menos).

Lança-bombas: Divisão actual, 18 (mais ou menos).

Granadas de mão: individual.

Canhões de acompanhamento: Divisão actual, 18 (mais ou menos).

Tanques de combate: eventual.

Organisação (em regimentos): Divisão antiga, 4; divisão actual, 3.

ARTILHARIA

Peças leves (2 calibres): Divisão antiga, 72 canhões-obuzes; divisão actual, 48 canhões-obuzes.

Peças pesadas (3 calibres): Divisão actual, 24 canhões-obuzes, morteiros.

Total de artilharia: Divisão antiga, 72; divisão actual, 90, inclusive a de acompanhamento.

Alcance da artilharia leve: Divisão antiga 6.000 metros; divisão actual, 12.000 metros.

Organisação: Divisão antiga, unidades de um mesmo calibre, baterias de 6 peças: divisão actual, unidades com diferentes calibres, baterias de 4 peças.

Muito fundamentaes são as diferenças que estes numeros significam. Vejamos:

1º — Grande quantidade e variedade de machinas de guerra.

2º — Consideravel augmento da potencia de fogo por meio de machinas de guerra e diminuição de effectivos da infantaria.

3º — Organisação ternaria da infantaria.

4º — Grande variedade de calibres da artilharia e augmento da sua proporção total.

5º — Grande augmento de alcance da artilharia leve.

6º — A organisação da artilharia.

CAUSAS DAS INNOVAÇÕES

Antes de passar a examinar o que de todas estas innovações nos convém ou não, é opportuno lançar um golpe de vista geral sobre as causas que lhes deram origem, na guerra européa.

Já ficou dito acima que as causas capitales foram duas: as enormes massas postas em frente uma a outra e as poderosas energias com que os povos belligerantes podiam servir aos seus exercitos. A primeira foi a causa que deu motivo ás innovações; a segunda, a que as tornou realisaveis.

Com efeito, os grandes effectivos dos Exercitos da guerra mundial, cobrindo por completo, em diferentes theatros, toda a frente dos mesmos, chegaram a tornar impossiveis os movimentos envolventes de alas e as accções sobre os flancos. Dahi resultou que os adversarios só tinham o terreno em frente para levar seus ataques e arrancar a victoria ao inimigo. Mas as accções frontaes são as mais difficeis e as mais lentas e isso produz, por uma parte, a estabilisação e enterramento dos contendores no solo — «tal é a guerra de posição» — e, por outra parte, a necessidade de inventar e de introduzir toda a arma ou elemento que permitta damnificar o inimigo, tanto de longe como de perto, esteja elle descoberto, sobre o solo, ou occulto em trincheiras ou protegido por fortes abrigos blindados.

Foram estas as circumstancias que deram origem a todas as armas e demais elementos destinados á infantaria e á grande variedade de artilharia, tanto em alcance como em calibre, empregando trajectorias de pequenas e grandes curvaturas, com diferentes especies de projectis. As mesmas circumstancias deram lugar ao accrescimo extraordinario de todas as machinas mencionadas, para conseguir romper, a poder de fogo, as frentes fortificadas e intransponíveis tanto de um como de outro lado. E foram ainda as mesmas circumstancias que levaram aos phantasticos consumos de munição de que davam noticias as chronicas da guerra e consignados nos livros que a commentam.

E como poderam dispôr de todos estes meios os Exercitos da guerra européa?

Simplesmente: porque por detraz delles estavam as poderosas industrias de todos os poderosos povos do Continente e, mais ainda, do mundo, para produzir e para provê-los sem limite, de armas e materiaes bellicos e porque á pequena distancia, atraç das tropas, seguiam as montanhas de munição. Factor de summa importancia, que permittia com segurança a opportuna disposição de taes meios de combate, eram ao mesmo tempo as excellentes e densas rôdes de transportes e de caminhos dos theatros de guerra europeus que facilitavam grandemente a mobilidade das tropas e suas columnas.

TRANSFORMAÇÕES IMPOSTAS

Em resumo, foram as circumstancias da guerra européa que impuzeram as transformações, isto é:

- Exercitos de milhões de homens;
- Theatros acanhados;
- Accções frontaes, sem possibilidade de manobra pelos flancos;
- Guerra de posição;
- Necessidade de innumeraveis machinas de combate e de grande potencia de fogo para romper as frentes;
- Disponibilidades de meios e recursos para a provisão de munição de maneira illimitada;
- Possibilidade de transporte de todos os elementos bellicos por uma excellente rôde de caminhos e vias-ferreas.

Vejamos agora o paralelo de tudo isso com o que ocorrerá entre nós. As frentes de batalha dos pequenos exercitos destes paizes (supponhamos um maximo de 200.000 homens), não passarão de alguns kilometros, uns 50 ou 60, com que jamais se fecharão fronteiras e muito raro será o caso em que, na immensidão dos nossos territorios, possam elles ter as suas alas de tal maneira apoiadas no terreno que obriguem exclusivamente á accções frontaes. A luta será essencialmente em campo aberto, com ampla accção pelos flancos, ao mesmo tempo que precipitará as accções frontaes, impedindo as estabilisações sobre um mesmo terreno — «tal é a guerra de movimento». A guerra de posição será, por conseguinte, uma rariSSIMA excepção nos nossos paizes; e ella

não existindo, são desnecessárias as armas e elementos que lhe são exclusivamente próprios. Quanto a dispôr de enormes quantidades de armas automáticas e variadas espécies de artilharia empregadas na guerra europeia ou as montanhas de munição que elles requerem para serem eficazes, nem em longos annos teremos uma industria capaz de prover-as, nem a aquisição por compra poderá dar-nos tais elementos na proporção illimitada em que os tinham e os terão aqueles exercitos. Emfim, ainda no caso de dispôr desses grandes aprovisionamentos de munição, as condições precárias de caminhos e vias-ferreas nos nossos longínquos theatros de fronteira, tornarão muito difícil o seu transporte na rectaguarda das tropas, o que sempre tirará as probabilidades do seu opportuno emprego.

ARMAS E ELEMENTOS NOVOS

Deste ligeiro esboço das causas das transformações dos Exercitos europeus se vê que a epocha da guerra — que poderíamos chamar das machinas — está ainda distante para os nossos paizes; primeiro, porque a sua applicação não é de absoluta necessidade e, depois, porque não se dispõem dos meios e recursos para o seu amplo desenvolvimento.

Mas, se a guerra de machinas não pôde, nem poderá ser ainda por muitos annos, uma preocupação para o paiz, há uma questão que deve ser objecto dessa preocupação, da mesma maneira que os demais problemas da defesa nacional já examinados (aumento de unidades de operações e instrução das reservas). Tal é a immediata aquisição de armas e elementos novos na medida necessária ás nossas condições. São tres os elementos inseparáveis da defesa nacional:

- Suficiente numero de unidades de operações.
- Eficaz instrução das reservas.
- Armas e materiaes da guerra moderna, apropriados ás nossas condições.

Qualquer destes elementos que falte, tornará falha a capacidade de defesa do paiz e esse estado de coisas perdurará enquanto tais requisitos não tenham sido satisfeitos completamente.

Vejamos agora, mais detidamente, como para nós se apresentam as trans-

formações fundamentaes nos armamentos e organizações acima mencionados e que conclusões delles devemos tirar para a constituição da nossa unidade de operação.

1º — Machinas de guerra e elementos de combate que por serem essencialmente da guerra de posição não nos são necessários.

Neste numero entram granadas de mão, lança-bombas, morteiros e tanques de combate. Todos esses elementos são destinados a bater (os tres primeiros com trajectórias de queda quasi vertical e os tanques penetrando nas posições inimigas) as tropas enterradas no solo e protegidas por blindagens contra as quaes as trajectórias rasantes e de pouca curvatura não têm bastante efficacia. Acontece, porém, que na guerra de movimento, que seria a nossa guerra, na qual falta o tempo para effectuar preparações defensivas, tão systematica e fortemente organizadas, a luta se trava, na maioria dos casos, sobre a superficie e, quando muito, com entrincheiramentos ligeiros, para os quaes bastam e sobram os fusis, canhões e obuzes. Por outra parte, na guerra de movimento, como já dissemos antes, na qual as manobras sobre os flancos serão sempre possíveis e de preferencia buscadas, pois a ameaça sobre as rectaguardas obrigará os homens a saharem imediatamente das suas cobertas para apressar as decisões á baioneta.

Estes elementos não nos podem ser, então, de verdadeira necessidade e, pelo contrario, sua adopção trar-nos-hia inconvenientes não desprezaveis, tais como gastos superfluos com prejuízo, talvez, de outros elementos mais necessários; aumento da *impedimenta* dos homens e das columnas e perda de tempo no ensino do manejo de tais apparelhos, tempo que é tão escasso para a instrução difficult e multipla que se deve dar ás tropas.

2º — Considerável aumento da potencia de fogo por meio de machinas de guerra e diminuição de efectivos da infantaria.

De 12.000 fusis a 3.500 baixou a Divisão allemã e, em compensação, subiu de 72 machinas de fogo a 468.

Vimos, no esboço geral que acabamos de fazer, a que é devido e como se pode dar na Europa tão grande po-

tencia de fogo á infantaria por meio de machinas de guerra. Vimos igualmente que nos paizes desta parte da America nem se necessita de maneira indispensavel, nem será possivel por muitos annos tal potencia de fogo.

Sobre este ponto nada mais ha que dizer e quanto á proporção de machinas que nos conviria, fallaremos mais adiante.

O MENOR NUMERO DE FUSIS

Vejamos agora o outro aspecto da transformação que nos occupa, que é a diminuição do numero de fusis.

Muito justificada é esta diminuição nos grandes Exercitos da Europa. Nesses Exercitos de milhões de homens, a Divisão passou a ser uma unidade essencialmente tactica que quasi sempre combaterá enquadrada dentro de outras tropas; ella só terá que ocupar-se da sua accão para deante, sem nenhum cuidado com os seus flancos; suas reservas são, por isso, quasi exclusivamente para reforçar a frente. Assim, as reservas podem ser menos numerosas. Do mesmo modo as frentes, com enorme potencia de fogo por meio de machinas, necessitam menos fusis.

Por outro lado, os combates entre aquelles Exercitos que podem produzir infernos de fogo uns contra outros se

resolverão quasi sempre pela accão do fogo sendo mais rara a accão á baioneta. Isto faz tambem que o numero de combatentes com esta arma não tenha tanta importancia.

Diametralmente oppostas são as coussas entre nós. Em Exercitos tão reduzidos como os dos nossos paizes, a Divisão pôde ser chamada com frequencia a combater isoladamente, devendo bastar-se a si mesma até ao fim da luta ou por muito tempo, até receber reforços. Requer por isso uma massa que lhe permitta tomar com efficacia os dispositivos de combate tanto no sentido da frente como em profundidade e, quando estiver isolada, attender á sua propria segurança nos flancos e levar a cabo manobras de decisão contra o inimigo. Por outro lado, vimos que nós não podemos attingir á potencia de fogo dos Exercitos europeus. E enfim, entre nós, por esta ultima razão, a decisão do combate ha de pertencer, por muito tempo ainda, a accão da arma branca. Por todas estas razões, a proporção de combatentes de fusil deve ser muito maior que na actual divisão allemã, porque a nossa Divisão deve ter maior capacidade de operação, o que só se pôde conseguir com massa e maior capacidade de choque o que unicamente as baionetas podem dar.

O ensino pratico na E. M.

Após alguns annos de vacilações e tentativas em que se consumiram bellas energias de instructores e instruendos, acaba o ensino pratico da E. M. de entrar numa phase de plenitude verdadeiramente promissora.

Assim é que a instrução technica começa a extravasar das praças de exercícios para os campos de manobras e o ensino tactico a saltar da carta para o terreno. Isso significa, apenas, que o ensino pratico na E. M. já vê claro a propria finalidade e, mais do que isso, que se lança clarividentemente á sua objectivação.

Tal constatação deve ser motivo de grande satisfação para todos nós que amamos a Escola Militar como o manancial de todas as nossas possibilidades futuras.

A instrução technica das armas é fundamental, mas tende a limitar os espiritos, a criar espirito de arma pronunciado demais para quem se candidata ao oficialato. A instrução tactica na carta, e principalmente no terreno, generaliza as capacidades, rasga novos horizontes, conduz á ligação das armas.

Por fim, caldeados pela tactica geral, voltam as intelligencias e os corações para o ambito de sua arma predilecta sensivelmente dilatados, abertos a novas e proveitosas ações.

Só temos de nos admirar de haver demorado tanto o advento da phase superior agora attingida pela E. M. Data de 1919 a refusão mais decisiva que se levou á escola basica do Exercito. Sete longos annos foram precisos para que se dësse inicio a methodicos e progressivos exercícios tacticos com tropa como feito da instrução annual ministrada na praça de exercicio e na carta.

A E. M. é a unica escola que dispõe de pequeno destacamento das tres armas, pequeno na verdade mas de élite por que constituído de candidatos a officiaes.

Que de interessantes exercícios permitirá elle fazer, com a sua composição real ou representando conjunto maior se os chefes e instructores da E. M. poderem tirar todo o partido da iniciativa que ora registamos?

Sem nenhuma reserva aqui ficam os nossos entusiasticos e confiantes aplausos.

PRÓ INSTRUÇÃO

Pelo Ten. Cel. Paes de Andrade.

Pensam alguns officiaes subalternos que a instrucção individual e mesmo a do grupo de combate devem ser inteiramente entregues aos monitores e sargentos.

O Regulamento estabelece, de um modo geral, que o instructor de uma unidade qualquer é o seu commandante, fiscalizando a instrucção o chefe imediatamente superior.

Já uma primeira obrigação está aí explicitamente imposta ao official subalterno: *fiscalizar a instrucção dos grupos*.

Mas, para que o grupo possa ser constituído é necessário que esteja completa a instrucção individual, sendo os homens então reunidos e divididos pelas duas esquadras.

Ora, as falhas desta primeira phase vêm-se reflectir sobre a instrucção do grupo, impondo-se, uma segunda vez, mas agora implicitamente, a presença do official, afim de fiscalizar e corrigir os defeitos, afim de evitar um grande trabalho ulterior.

Elle deve ser o artista que molda a massa a seu geito para que a obra saia perfeita.

Isto tudo do ponto de vista technico ou material; porquanto, se encararmos a questão pelo lado moral, ella resurge ainda com mais força, exigindo o contacto permanente do official com a sua tropa afim de não deixar escapar de suas mãos um dos factores essenciaes do mando: *a confiança no chefe*, decorrente do conhecimento de suas qualidades de saber e de carácter.

Abandonando todas as ocasiões de impôr-se aos seus commandados, no mo-

mento opportuno elle será um estranho quasi indesejável.

Os verdadeiros commandantes serão os sargentos e elles arrastarão a tropa já submissa á sua vontade e habituada ao seu mando.

Parece-me a mim incrivel que officiaes jovens, ainda no começo da carreira, prefiram a comodidade dos Casinos ao convivo de seus subordinados, principalmente quando estes mais carecem da sua presença constante, isto é, na 1.ª phase da instrucção.

Effectivamente, é nesta phase que se prepara o soldado, que elle aprende a obedecer e, bem sabemos quanto a cohesão adquirida, então, e a disciplina dos movimentos influem no combate.

Alem disso, o subalterno que assim procede mostra não lhe importar o modo pelo qual a sua pequena tropa se apresente ao publico, deixando reflectir o mau efecto causado sobre o seu Batalhão ou, por extensão, sobre o proprio Exercito.

Desde o momento em que o estímulo desaparece, esse official fica reduzido ao papel de um simples funcionário obrigado a comparecer ao expediente, não vibrando mais como militar e tornando-se, em pouco tempo, inapto para commandar.

O Exercito é uma grande machine na qual as engrenagens devem estar bem ajustadas e funcionando sem ruido e sem dentes quebrados.

No combate a victoria depende, em ultima analyse, do valor e do preparo das pequenas unidades.

Observações sobre a organização da Infantaria

pelo Cap. F. de Paula Cidade

A vida da humanidade se reduz a uma sucessão de lances: os povos e as instituições marcham por «etapas». O nosso exercito não foge à regra. Interessante é o nosso evolvimento.

Numa these que me deu a honra de ser contemplado numa das comissões do congresso internacional de historia, de 1922, com trabalhosa documentação, estudei como se adaptaram as instituições portuguezas ao Brasil colonia, empregando os meios recommendedos por von Martius, que há muitos annos norteiam os meus estudos historicos.

Essa these, se Deus me dér vida e saude, ha de ser desenvolvida num livro. Não se temorise o cauto leitor desta revista, supondo-me capaz de trasladar para aqui semelhantes locuções.

Nas linhas que se seguem, partindo da affirmativa que as primeiras linhas deste artigo encerram, demonstrarei apenas que o advento da missão francesa foi uma «etapa» que se completa em dois lances.

Neste primeiro lance, adoptamos uma doutrina de guerra, fixamos o rumo da nossa estratégia, preparamos a methodica solução exigida pelos serviços e desenvolvemos largamente os nossos conhecimentos táticos, postos em moldes novos e adequados ás condições materiais da guerra de nossos dias.

Embora pequeno o numero dos officiaes passados pela missão francesa, a doutrina fixou-se em todos os regulamentos, que já dispõem de commentadores adestrados.

Isto quer dizer que o primeiro lance está hoje a exigir apenas hóa vontade e perseverança.

Urge que iniciemos o segundo lance, refazendo o exercito em sua parte orgânica, pondo-o de acordo com o seu novo material de combate. Mas, pô-lo de acordo com o seu novo material não é decretar que as causas se façam de certo modo que, no fim de contas, nos pareça o melhor.

Só a experiência é mestra suprema.

Ouçamo-la nestas observações, talvez pretenciosas.

**

1) A primeira observação não é nova e applica-se tanto ao exercito de hoje, como ao de hontem. No passado, era sensivel apenas nas guarnições afastadas, porque a Capital Federal regorgitava de officiaes. Hoje em dia, os corpos do Rio de Janeiro estão passando por uma crise que seria evitada se a substituição do capitão se fizesse dentro da propria companhia. Realmente, o melhor substituto para o capitão é um dos seus tenentes.

Vio-se ultimamente, na propria guarnição do Rio de Janeiro, algumas companhias terem cinco ou seis commandantes por mez! Muitos desses commandantes nem haviam iniciado a conferencia da carga, quando foram substituidos.

O tenente A assumia o commando de tal companhia, mas no fim de dois dias apresentava-se o tenente B, que era mais antigo ou causa que o valha. O tenente A deixava imediatamente o commando, para ir tomar conta de um pelotão de metralhadoras leves, de onde deslocava outro official mais moderno. Alguns dias mais, e eis que chegava ao Regimento o tenente C, mais antigo do que o tenente B. Nova contra-dança.

Imagine-se a descontinuidade administrativa a variedade de instruções e as soluções de continuidade na propria disciplina com essas mudanças de commando.

Para as substituições dentro da companhia, uma unica excepção devia ser aberta: quando o subalterno chegado por ultimo fosse o mais antigo do regimento e não houvesse companhia commandada por capitão para encaixa-lo. O caso da substituição dos capitães commandantes de companhia é tipicamente brasileiro e como tal deve ser resolvido.

2) O nosso R. I. Q. T., que é a pedra angular de todo o preparo da tropa, não prescreve que as unidades de metralhadoras rassem todos os elementos aproveitáveis das companhias de fuzileiros.

Se tal se desse, teríamos o absurdo, como vae se ver.

— Para que servem as metralhadoras?

— Para apoiar a infantaria, em ultima analyse. Ora, se essa infantaria não fôr emprededora, audaz, habil no manejo de seu material, parece que não vale a pena ter essa élite de metralhadores e serventes de petrechos, destinada a trabalhar em proveito de quem não vae lá das pernas...

Comprehende-se que a razão está sempre com o meio termo: nem dar-lhes um rebuta-lho, nem dar-lhes um escóli.

As unidades de metralhadoras devem incorporar directamente os homens que lhes são destinados, para que dentro da propria unidade se faça a selecção — os mais aptos para as partes mais delicadas, os demais para conductores, etc.

E' o que se tem feito em grande numero de unidades, onde o R. I. Q. T. foi sacrificado em holocausto á efficiencia.

3) Em se tratando de metralhadoras, é necessário encarar o problema dos pelotões de metralhadoras leves dos batalhões incorporados, no que diz respeito á sua vida ordinaria.

Os quadros de um Pel. Mtrs. L. comprehendem apenas um official subalterno, um terceiro sargento e um cabo; no entanto, o seu papelorio e o seu serviço diário são comparáveis aos de uma companhia commun. E' esse unico sargento quem deve fazer os papeis diarios, pernoites, vales de rações, escala e papel de serviço, partes e seu registro, informações, etc., quem organiza os pedidos, passa guias e as registra, faz as relações de

vencimentos, quer o borrão, quer a limpa, bem como a respectiva recapitulação, os ajustes de contas, os pedidos de descarga, escriptura o livro de alterações e altera as escalas, as cadernetas do pessoal, o livro de tiro, etc.

Como isso excede á capacidade de trabalho de um homem só, fica tudo atrasado.

O serviço de guarda dos alojamentos realmente não existe, por falta de pessoal e por falta de quem o fiscalize.

Se se quizer examina-los, ver-se-á que os pelotões de commando dos batalhões incorporados têm pessoal de sobra para a parte administrativa; falta-lhes pessoal dirigente para a respectiva instrução, dadas as ocupações ordinárias do ajudante.

Parece que a solução exigida pela prática seria fundir o P. C. e o P. M. L., dando-lhes uma administração commun. O tenente do pelotão de metralhadoras leves passaria a ser o subalterno encarregado da instrução de todo o P. C., sem deixar de ser o commandante do P. M. L.; o ajudante, exercendo o comando do conjunto, faria a centralização administrativa e disciplinar. O alojamento seria um só, com redução do pessoal de serviço, etc.

4) O nosso R. E. C. I. em sua primeira parte consigna, no mappa do effectivo de guerra da companhia, uma seção de commando; a consolidação, referente ao effectivo de paz, consigna também a seção de commando, porém com effectivo reduzido. No entanto, a seção de commando entra tão pouco em nossos hábitos, que raramente aparece nos exercícios de combate, ou nos próprios combates, neste caso para aumentar os magros recursos em combatentes. Durante as operações intensivas de S. Paulo, não me recordo de ter visto uma única funcionamento.

No entanto, nos combates normaes, em que «o capitão faz a companhia combater por meio dos seus pelotões», a seção de commando é indispensável. Partindo d'aqui resolvi (cousa que naturalmente não fui o primeiro a fazer), realizar uma serie de exercícios, verdadeiras experiências, logo acompanhadas por oficiais de indiscutível capacidade.

Reforçando os quadros de minha companhia com os de outras subunidades, postos á minha disposição pelo commandante de meu batalhão, que se dignara a acompanhar de perto esses trabalhos, entrei a estudar as minúcias do remuniciamento do grupo de combate na ofensiva e o funcionamento da seção de commando.

Para não alongar estas observações, convém tratar apenas desta ultima parte. Ha no primeiro grupo da seção trez corneteiros e tamboreiros, para ligações; ha no segundo grupo dois corneteiros para signaes. O quadro nada diz sobre taes elementos.

O coronel Barrand, da M. M. F. e meu presido mestre da Escola de Estado Maior, organizou um excellente esboço do funcionamento da seção de commando, que distribuiu com os seus alunos.

Partindo do esboço do coronel Barrand, a seção de commando foi accionada por diversas vezes, não só dentro de uma situação

tactica, como em condições muito approximadas do combate real em terreno accidentado.

Deu muito bom resultado o destacar cada um dos tres corneteiros de 1.º grupo, desde o inicio, junto a cada um dos pelotões de combate. Esses homens conseguiam, logo depois, fazer idas e voltas entre o P. C. da companhia e o respectivo pelotão, em condições aceitaveis num combate e sem indecisões. Quando eram deixados inicialmente junto ao P. C. da companhia, só difficilmente chegavam aos pelotões empenhados. Tambem, os mensageiros mandados dos pelotões e tirados dos combatentes tateavam durante um tempo apreciavel para chegar ao P. C. que previamente não haviam localizado.

As maiores necessidades de comunicações faceis são dos pelotões empenhados para o commando da companhia; um pelotão empenhado é carta jogada na mesa.

Em todo o caso, o commandante da companhia dispõe ainda de trez estafetas da propria sub-unidade, do esclarecedor montado e dos estafetas do batalhão — nem sempre destacados desde o inicio junto a esse organo.

Finalmente, o regulamento propiciou o furriel para destacar para fóra da companhia, o que é, sob o ponto de vista organico, um absurdo no Brasil, onde todo o serviço diario da companhia depende desse sargento.

E' o furriel quem faz diariamente o vale de rações, quem joga com as grades correspondentes, verifica as rações e responde pecuniariamente por elles, quem tem a seu cargo todo o material da companhia, todas as munições imediatamente dispensaveis, quem faz as relações de vencimentos e mesmo paga as demais praças, etc., etc.

Para substitui-lo, um sargento não treinado não pode dar conta desse serviço.

Por sua vez, a bona marcha do remuniciamento e a sua disciplina exigem a presença de um sargento no posto de remuniciamento da companhia. Eis ahi o lugar em que o sargento furriel deve se achar em combate.

5) Uma observação feita na infantaria, mas que parece applicavel a qualquer arma, é a referente á promoção de cabos e sargentos. O sistema actual não passa de uma experiência mal sucedida. E' da natureza do serviço militar que os sargentos não sejam funcionários communs, mas auxiliares dos seus chefes, por elles escolhidos.

Entre nós, realizado o concurso, só resta ao candidato aguardar que lhe dé a desejada vaga. Nada o leva a dedicar-se cada vez mais ao serviço.

Tambem não se diga que o sistema actual produziu melhores sargentos, sob o ponto de vista de preparo geral, do que eram os sargentos do velho exercito: basta comparar o arquivo dos corpos, para verificar que noutros tempos não faltaram optimos amanuenses, com invejável calligraphia, com excelente redacção, assejadíssimos no que escreviam.

Hoje em dia parece que é mistér voltar ao sistema de escolha do sargento pelo respectivo capitão, que certamente seria aprimado

rado se se estabelecessem exigencias limitadoras do arbitrio dos chefes de sub-unidades.

Parece que convenha ao Regimento, por exemplo, fixar uma data em que todos os candidatos fossem submettidos a um exame de sufficiencia theorica, comprehendendo apenas um exercicio de redacção, calligraphia e arithmetic.

Uma vez promovido, nenhum sargento com menos de tres annos de posto poderia ser transferido sinão por castigo.

Ver-se-ia como todos os candidatos se esforçariam por bem servir e poder-se-ia dizer — tal capitão, tales sargentos.

E' inutil accrescentar que o preparamento militar não se adquire no tal pelotão de candidatos a sargento.

Não ha muito, dizia um official francez que todas as armas concorrem, em Pariz, ao

serviço de guarnição e apresentava como vantagem de tal sistema o minimo de sacrificios que impõe a cada um, pela concorrencia de todos. A cavallaria, por exemplo, apresenta-se a pé e quando lhe toca o serviço, sacrifica uma jornada de instruccion.

Entre nós, é a infantaria que sacrifica não uma, mas as trinta jornadas de um mez que tenha esse numero de dias, e só quando tem a felicidade de ter ao lado uma unidade irmã é que consegue, nos bons tempos, aproveitar para seu ensino 50% do prazo regulamentar a elle destinado.

**

Convinha examinar o que ha de verdade nestas observações. E' trabalho urgente. Traz-me á memoria aquella voz de commando dos antigos regulamentos: «Por lances — Marche — marche!»

DANDO O EXEMPLO

«A Defesa Nacional», com o seu numero 151 correspondente ao mez de Julho, ao mesmo tempo que retomou sua publicação mensal saltou os muros do meio militar, derramando-se aos quatro ventos da divulgação em larga escala que lhe será assegurada pela venda avulsa.

Essa sorte de exteriorização do pensamento de todos nós se repetirá todos os mezes e, a cada nova oportunidade, novos progressos iremos introduzindo na grande obra da nossa propaganda.

E' urgente que a Nação conheça o Exercito que tem e o Exercito que deve ter. E em nossas columnas — *graças ao apoio que vamos merecendo de nossos camaradas esforçados e ainda confiantes* — desfilarão todos os nossos males e todas as nossas grandezas, os nossos soffrimentos e os nossos sacrificios.

**

Essa resolução será em breve consolidada com o apparecimento da colaboração civil.

Iremos procurar technicos apaixonados pelas questões geraes que interessam de perto ás questões da defesa nacional. Problemas como o dos transportes, das industrias chimicas, da metallurgica, da

viação maritima, fluvial, rodoviaria e ferroviaria, de estatistica e direito internacional, enfim todos os problemas vitaes para a organisação militar do paiz desfilarão em nossas paginas tangidos por mãos capazes e emprehendedoras.

**

A força que nos impelle é a da convicção em que estamos de que o resurgimento militar do Brasil está em extirpar-se da mentalidade dos dirigentes e da massa da população uma serie de preconceitos que estiolam todas as suas boas intenções por melhores que lhes pareçam ser.

De outro lado está a certeza de que a extirpação de semelhantes prejuizos agirão beneficamente sobre o nosso organismo militar, sobre nós mesmos, reactivando sobretudo as energias moraes da nossa gloria instituição.

E temos confiança no exito, porque quando se está com a verdade — quando se sente o que se diz e o que se faz — todos os caminhos se abrem, todos os obstaculos se afastam.

Que assim seja!

PONTARIA Á LUNETA

Pelo Major *Plutarcho Caiuby*

E' principio corrente na artilharia de campanha que, ao chegar a Bia. á posição de tiro, seja logo collocada em vigilância pelo commandante da linha de fogo.

Para tal fim tem-se adoptado o processo aqui conhecido pelo nome de seu introductor — o Sr. Cmt. Weller, da M. M. F.

Nelle o P p e a direcção geral são previamente indicados pelo Cap.

O Cmt. da linha de fogo então faz apontar ao sentimento a peça-directriz, tomando, para isso, um ponto de vigilan-

vigilância que lhe convém em virtude da missão recebida ou por outra consideração qualquer. Para isso, determina a deriva para a peça directriz e comanda-a para a Bia. com o escalonamento conveniente, de acordo com a frente a bater.

De posse desses elementos (deriva e escalonamento devidos ao ponto de vigilância definitivo), que são os que convém á Bia., o Cmt. da linha de fogo estabelece a *diferença* entre a deriva que provisoriamente adoptará e a comandada pelo Cap., obtendo assim um ângulo de transporte que, com o escalonamento de repartição, comandará para

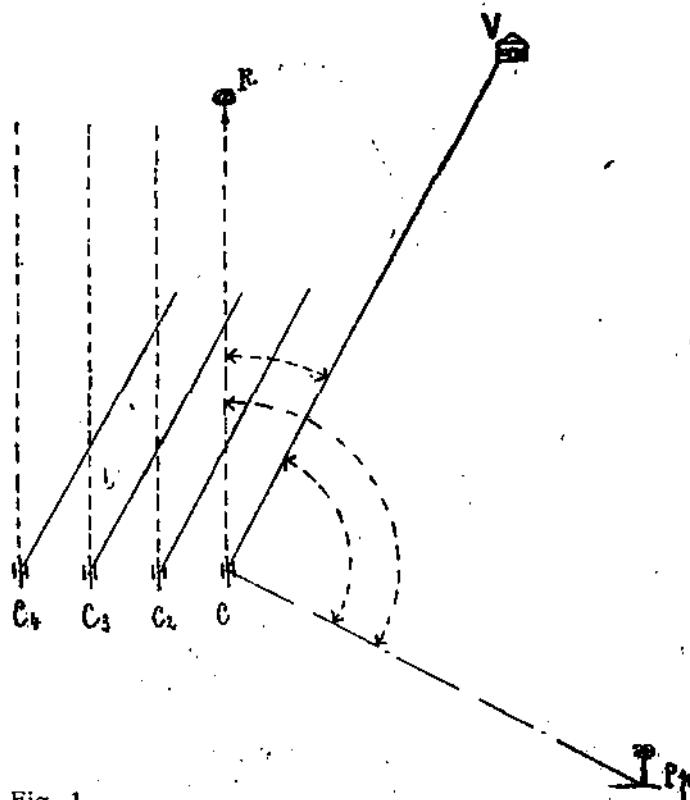


Fig. 1

cia provisoria. Em seguida, faz referir a pontaria em direcção sobre o Pp e comanda a deriva de referencia, com o escalonamento conveniente, para toda a Bia.

Mas o Cap. não quer a Bia. orientada para o ponto de vigilância provisoria (que, ás mais das vezes, elle ignora qual seja), mas sim sobre o ponto de

a Bia. O signal da correção será + (mais) ou - (menos), conforme a deriva recebida seja menor ou menor do que a provisoria, ou, por outra, o Cmt. da linha de fogo procurará igualar a sua deriva á do Cap., e d'ahi resultará o signal a dar á correção.

Para maior clareza, exemplifiquemos (Fig. 1):

Tendo o Cint. da Bia. designado o Pp (coqueiro á retaguarda e á direita) e, aproximadamente, a *direcção-geral*, o Cint. da linha de fogo, logo depois de ocupar a posição, orienta a peça directriz sobre R (ponto de vigilancia provisório); em seguida, faz referir a pontaria sobre o Pp, obtendo assim a deriva provisória de vigilancia R-C.Pp; calcula o escalonamento de parallelismo e, com esses elementos, forma o feixe.

O Cap., querendo porém a Bia. em vigilancia sobre V, determina, de seu observatorio, a deriva conveniente V-C.Pp, bem como o escalonamento de repartição, si fôr o caso, e comanda esses elementos.

1º A grande predilecção de nossos capitães pelo processo de pontaria á luneta;

2º Que esse processo, sobre ser mais simples, é geometricamente exacto;

3º Que, em muitos casos, pontos de pontaria, bem visíveis do observatorio, não o são da linha de fogo, sendo portanto vantajoso deixar ao subalterno a escolha do Pp. mais conveniente;

4º Não são raros os erros no cálculo das parallaxes, como também não é difícil haver trocas de signaes.

Essas considerações nos induziram a estabelecer um processo de pontaria que tem pontos de contacto com o do Cint.

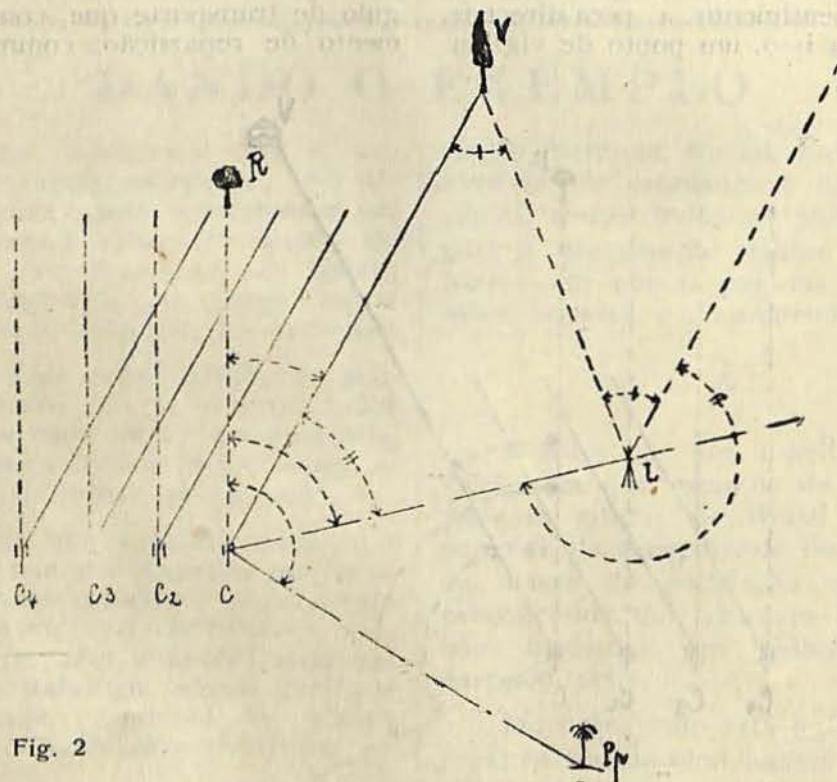


Fig. 2

Estando a peça directriz apontada sobre R, para dirigil-a sobre V, será necessário modificar sua direcção do angulo RCV, ou seja RCPp — VCPp.

* * *

Exposto o processo Weller, passemos ao caso de pontaria que hoje apresentamos aos nossos jovens artilheiros e que é de extrema simplicidade, além de muito se assemelhar ao acima exposto.

A experiência adquirida em 17 anos de prática de tiro nos tem mostrado:

Weller, pois o Cint. da linha de fogo é quem coloca a Bia. em vigilancia, ficando, porém, á sua escolha o Pp que lhe servirá para fornecer o feixe, bem como o transporte do plano de tiro da peça directriz para o ponto de vigilancia do Cap. será feito por pontaria reciproca sobre o instrumento director.

Exemplifiquemos (fig. 2)

Occupada a posição de tiro e indicada a *direcção-geral*, e estando á vista o instrumento director collocado no observatorio, enquanto o Cap. estuda as condições de tiro, ou cousa que o valha,

o Cmt. da linha de fogo orienta a peça directriz sobre R (ponto provisório de vigilância); depois refere a pontaria sobre o instrumento director, tomando nota da deriva de referência; em seguida refere novamente a pontaria — agora sobre o Pp — e, com um escalonamento conveniente, forma o feixe.

Quando o Cap. quiser collocar a Bia. em vigilância sobre V, commandará para a peça directriz C a deriva reciproca

LCV, suplemento de VLC. E então, para que essa peça fique apontada para V, será necessário commandar o angulo de transporte RCV = RCL = VCL.

Quanto ao signal da correção, como no caso precedente, elle será + (mais) ou - (menos), conforme a deriva recebida do Cap. seja menor ou maior do que a de referência sobre o instrumento director, procurando o Cmt. da linha de fogo sempre igualar esta áquellea.

Nova lei de promoções

«A actual lei de promoções, data, como todos nós o sabemos, de 1891. São tais os nossos progressos sociais e militares que não mais se pôde tolerar os moldes de lei antiquada como essa.

Parece que uma outra se impõe. Essa outra satisfaria as necessidades actuais se:

- 1) previsse a reforma de officiaes julgados inaptos por um Conselho Superior de Justiça (inaptidão moral, profissional ou physica);
- 2) prescrevesse deixar abertas as vagas de merecimento para cujo preenchimento não houvesse, no momento, candidatos com os necessários requisitos;
- 3) impedissem a promoção por merecimento de officiaes reprovados nas Escolas da M. M. F. ou que tivessem cumprido sentença passada em julgado;
- 4) diminuisse o numero de membros da Comissão de promoções para que se definissem melhor as responsabilidades de cada um;
- 5) evitasse por seu próprio texto e por seu mecanismo de execução as promoções extra-lista (por criterios extra-nhos ao valor real dos promovidos);
- 6) fixasse tres ou quatro épocas do anno para as promoções (evitar prejuizos aos officiaes e jogo com as promoções);
- 7) estabelecesse folhas de conceito e notas em graus para aferir o valor dos candidatos (desde que fossem previstos

coefficientes fixos para cada um dos requisitos — exemplo: *ilustração comprovada* — coeff. 5 predomínio de aprovações simples sobre plenas; de plenas sobre simples 8; de distinções sobre plenas 9; só distinções 10);

- 8) estabelecesse que desde o momento em que o official complete o interstício e tempo de commando (previstos na lei) podesse concorrer á promoção pelo princípio de merecimento;
- 9) considerasse no acesso por merecimento sómente as folhas de conceito do posto em que se acha o candidato (evitar que se chegue aos mais altos postos pelo que se tenha feito no começo da carreira) excepção feita, é claro, da primeira promoção por esse princípio;
- 10) prescrevesse que cada proposta constasse de um numero de nomes igual ao das vagas mais dois (a titulo de reserva).

Como *transição* parece-nos que nada melhor que isso. É certo que se extinguiriam mais de metade dos males actuais do Exército.

E' bem possível que se apresentassem reacções contra um regimen como esse que implantaria novas bases de selecção nas promoções, eliminaria os incapazes, etc. Mas não devemos esquecer de que do lado de quem tomar iniciativas dessa ordem estarão todos os bons elementos e muitos dos maus que o são por não sentirem estímulo para ser dos bons».

O tema de "A Defesa Nacional"

A despeito do cuidado que sempre temos na revisão das provas, no tema que publicamos no n.º 151 de 10 de julho findo escaparam-nos os seguintes erros, que nos apresentamos em rectificar:

Página 178 (1.ª columna, item 3.º) — Em vez de o prazo para o RECONHECIMENTO, leia-se: o prazo para o RECEBIMENTO.

Página 179 (1.ª columna — Situação geral) — Em vez de estrada de ferro BENTAS — est. Campo Alegre, leia-se: estrada de ferro BROTAS — est. Campo Alegre; em vez de

restabelecer as comunicações pelos azues, leia-

se: restabelecer as COMMUNICAÇÕES INUTILIZADAS pelos azues.

Página 179 (2.ª columna) — Elimine-se o título *A linha de etapas*; em vez de 8 h. 30 (linha 32.º), leia-se: 7 h. 50; em vez de *Est. Campo Alegre 15 (quinze)*... ás 6 h. 40, leia: *Est. Campo Alegre 15 (quinze)*... ás 7 h. 15; em vez de ás 5 h. 30 (linha 45.º), leia-se: ás 6 h. 15; em vez de *Sueste* (linha 46), leia-se: *Sudoeste*.

A vista desses erros, resolvemos prorrogar o prazo do recebimento das soluções até 10 de Novembro.

Carta aberta aos directores do "Diario do Brasil"

Do Cap. J. B. Magalhães

Srs. Directores do "Diario do Brasil"

E' sempre confortador para um profissional qualquer ver por alheios avaliada em justa medida a importancia da esphera em que exercita sua actividade. E' porem, indissivel o que sente quando as palavras acalentadoras de outrem vêm animar-lhe os ouvidos, justo no momento em que ha um colapso no progredir de seu *métier* e quando já o corrosivo septicismo, gerado num tal ambiente, comeca a destruir mesmo aquelles que se mostravam antes indestructiveis.

Nós militares, que o somos — não por mero ganha pão mas por comprehendermos em toda sua extensão e em todo seu valor o problema da *defesa nacional* — sentimo-nos alentados quando vislumbramos signais de que a Nação começa a comprehender as suas necessidades fundamentais e imprescindiveis a que permaneça com vida, ou melhor em segurança, atravez dos seculos.

Sem comprehender essas necessidades, teremos o problema sempre insolvel como o temos tido até agora. E' o ponto capital a' remover, o escolho que trava todo progresso da defesa nacional e tanto mais quanto é habitual tomar os individuos pelas instituições em que se metteram mas que de nenhum modo podem dignamente, honestamente representar. E' ponto capital a' remover, repitamos, o embarço mental que tal ignorancia causa.

Nesse erro de apreciação incidem os verdadeiros e maiores antagonistas da defesa da Patria — que melhor não fariam se fossem pagos pelo estrangeiro! — e cuja cultura por insufficiente, não lhes permite apreciar as doutrinas e as instituições alheando-as dos seus orgãos representativos do momento.

E' essa cultura falha e desvalorizada que coloca, mesmo os nossos letrados, em má situação para dirigir acertadamente a nação, por não lhes dar golpes de vista verdadeiramente gerais e assaz extensos sobre os problemas mais fundamentalmente interessantes.

Distinguir entre a doutrinação e a acção, em geral não fazem.

A doutrina, as regras e normas a estabelecer devem permanecer abstratas, independentes dos individuos. A acção, não. Deve tomar um caracter concreto, ser particularizada de acordo com as circumstancias occurrentes, incidindo directamente sobre os individuos de modo a pô-los constantemente de acordo com aquellas.

Sem discutir os meritos — melhor, demeritos — que se possam arraigar os autores da miserrima situação actual, as glorias soezes que revistam as infelizes responsaveis, somos forçados a lastimar o formidavel revez soffrido pela defesa nacional logo apoz um progresso que marchava rapido, celere, admiravel.

Felizmente, quando tudo nos parecia sossobrado, fallido, em ruina total, surgem dos destroços da triste e ingloria batalha, das proprias cinzas, gritos isolados ainda mas que se avolumam já; promessas ainda indefinidas mas existentes de facto; prognosticos de uma acção reconstrutiva.

E isto é tanto mais importante para nós, por que são prenuncios de que a nação começa, pelo menos, a despertar, quanto a situação da Patria se parecia com a de uma creança que brincasse alegre, sorridente, descuidada a beira de um abysmo que inevitavelmente a tragaria, ao menor desequilibrio.

Era assim dupla a nossa dôr: — dôr do profissional que vê seus esforços perdidos por lhe não comprehenderem o oficio; dôr do filho que prescente e tem por certa a ruina da propria mãe, a expirar, a extinguir-se a menor crise, sem lhe poder prestar o menor socorro, e apenas paliativos inefficazes.

Entre as nações não ha que fiar, boa fé não existe; os descuidos ou são impatriotismo ou ignorancia. A sociedade internacional não é policiada como a sociedade dos homens e sua moral não considera ainda crimes puniveis más acções

que, quando praticadas, por individuos, são pelos codigos passíveis de penas severas.

E', portanto, perigosissima qualquer desattenção. Os erros em materia de organização militar de um povo trazem-lhe danos ou irreparaveis, ou difficeis de reparar.

As questões se decidem, quando isto convem a um dos contendores, por tribunaes de sentenças inapelaveis — o campo de batalha — onde o argumento unico convincente é a força.

Não se pense que por assim fallarmos, somos *armamentistas*, como se diz agora.

Somos pacifistas e amamos a Republica por ter entre nós o genio pacifico gravado em sua propria constituição, lei organica. Não somos, porem, *futuristas* e levamos muito em conta as realidades das situações presentes.

Ora, no momento actual o Brazil é um colosso... desarmado e descuidado, quando justamente seus vizinhos refazem suas forças já de si superiorés as nossas effectivas e quando, no horizonte, tenues nuvens, que poderão desabar em tempestade, surgem duvidosas. E' elle como um palacio immenso e rico, escancarado e sem guardas, onde habita gente bulhenta e discursivea — como na velha Bezancio — que não percebe serem suas riquezas cubiçadas e que algumas dellas estão a porta da rua inproveitadas e expostas a olhares cupidos; que se as podem abocanhar por um golpe dado *oportunamente*.

Revela-se assim uma nação que não é instruida e cujos membros mais illustres mesmo não parecem apercebidos da gravidade da situação, deixando que se malbarateiem descuidadas as cousas da defesa nacional.

Ao contrario, si bem instruidos fossem nada com mais cuidado haveriam de trazer. Saberiam então, que, hoje, contra um inimigo de menores forças latentes, mas apparelhado, de força effectiva, o factor tempo, notadamente tempo inicial, é decisivo nos resultados de uma campanha.

Não haveriam de esquecer que a guerra já se não trava entre exercitos, a moda antiga, e que as nações lançam-se agora aos seus azares com todo o peso de seus recursos, não só militares mas

industriais, politicos e sobretudo morais, que formam hoje a força guerreira de um povo.

Não se trata de fazer militarismo, nem de retrogradar, num seculo de luzes, mas ainda é preciso ter as forças arregimentadas, coordenadas e exercitadas para que se não atrophiem e no momento de ser applicadas venha a nação a baquear miseravelmente esgotada no folego, ou atonita deixe-se, como um touro, embalaçar no laço do campeiro.

Bem sabemos que, e queremos continue adoptada entre nós, uma politica completamente defensiva, é a propria á situação internacional moderna progressista, resalvados os Mussolini; bem sabemos não ser a guerra aspiração digna dos manes de Bolívar, Washington, San Martin, o' Higgins, José Bonifacio e outros a quem devemos a vida de povos livres; mas bem sabemos tambem que a paz sem força é perigosa.

Mas, si temos na politica um espirito defensivo e pacifico, de modo algum o queremos na guerra. Esta sempre foi e ha de ser essencialmente offensiva, porque guerra é luta e lutar é aggredir, offender, atacar. Defender-se não é lutar, é aparar a luta que o adversario desencadeia e dirige, é ficar a sua mercê, é ter as suas iniciativas entravadas, é ter suas acções governadas pela vontade de outrem. Em guerra, portanto, a offensiva!

Mas para ter a coragem da offensiva é preciso ser o mais forte. Mais forte no tempo e no espaço.

No tempo, para que o adversario comece a sentir os golpes firmes e fortes da aggressão antes mesmo que se haja predisposto a recebel-os, — que tenha suas forças reunidas; antes, em summa, que consiga pôr-se em bôas condições de luta e para que jamais o possa fazer.

No espaço, para que estejam asseguradas as bôas condições de emprego da sua força, para que lhe não faltem os meios, postos no local da luta a proporção das suas necessidades e se não entrava o seu jogo.

O elemento essencial das forças de uma nação está nos seus effectivos, nos homens que podem lutar.

Os recursos materiais, industriais, são tambem de importancia capital porque

«não se luta com homens contra material» mas é fóra de duvida que se não usa o material sem homens que o saibam manejar.

E', portanto, a necessidade primeira arranjar os homens, ter assegurada a mobilização do pessoal da nação. Isso feito, o moral da nação será outro e o material virá, por que integrados os homens no problema da defesa nacional saberão melhor comprehendêr as necessidades, por sentir-as, e hão de forçosamente, com intelligencia provel-a dos recursos indispensaveis.

Ora, Srs. Directores, o vosso programma parece denunciar haverdes comprehendido as necessidades essenciaes do nosso problema militar.

Para nós torna-se isso tanto mais interessante quanto o egoísmo de alguns e a inconsciencia de muitos pretendem menoscabar o Exercito Nacional, por efecto dos ultimos acontecimentos, sem reflectir que o Exercito é gerado da propria nação e por ella a toda hora alimentado e renovado, não sendo o que em seu seio se passa senão meros reflexos.

Não constitue elle nenhuma casta ou classe a parte, o que é causa de antanho. Hoje, a nação deve ser toda Exercito, porque é da sua defesa que se trata. Assim são as nações fortes. Porque é forte a França? porque o seu Exercito é *poilu*. Que é o Exercito Americano? o Inglez? E' o *samny*, é o *tomny*.

Que, pois, todos os concidadãos illustres convirjam seus esforços para que o Exercito Brasileiro seja, uma vez por todas, o brasileiro!

Si a nação é pobre e endividada, embora seja rico o Brazil, não poderá dispor de efectivos permanentes consideraveis a moda da Europa aggressiva — mas poderá tel-os reduzidos — como convem á America — sem desconhecer as fontes onde os poderá recrutar. Isto lhe assegurará uma força inicial consideravel em relação a seus vizinhos e lhe assegurará os meios de accrescel-a a proporção que a guerra se prolongue.

Nosso vizinho mais rico em força militar é a Argentina. Si puser 10% de sua população em armas, o que lhe está assegurado por sua organisação e seu velho serviço militar, terá no campo de

batalha em exercito de 1.000.000 de homens, o que não é exagerado, bastando ver que na Europa a porcentagem de 15% foi excedida na ultima guerra.

Nós, se supuermos a metade da taxa, 5%, conseguiremos um efectivo de 1.700.000, isto é, mais de 50% a mais com um esforço 50% menor. E' isto uma vantagem consideravel no Continente!...

Si tivessemos uma organisação perfeita e uma nação militarizada como está sabiamente a Argentina, sem maior esforço, attingiríamos 3.000.000, de homens para fazer a guerra.

Oh! mas nesse dia, poderemos viver sem pensar, nem temer a guerra: ella não virá!

E actualmente, que se poderá fazer? A resposta só pode ser uma unica: vemos!

Si formos por desgraça batidos, quem deve corar? O Exercito? Não, a Nação toda porque é della que se trata. O Exercito é seu e ella delle dispõe. Si não presta, si falha á sua missão, reforme-o, corrija-o. Abandonal-o e crusar os braços, é gesto infantil, é inconsciencia!

E o remedio é tão simples, que depende apenas de um pouco de patriotismo e de sinceridade dos que orientam a opinião publica.

Obteríamos desde logo uma superioridade decisiva no continente Sul Americano si cada cidadão, no seu proprio municipio, existisse, pelo menos, arrolado de modo que a autoridade militar subesse que podia contar com elle e onde encontral-o.

Esse é o principal trabalho a efectuar pelos que se promptificam a collaborar na defesa nacional, sem ter as responsabilidades technicas do problema. Como e quando utilizar os concidadãos de existencia assim conhecida, que fique a cargo da autoridade militar que só para isso existe em permanencia. Instruilo, armalo, treinalo é causa relativamente facil.

Difficil e essencial é vencer o aspecto moral do problema, que é aqui como em tudo, em absoluto, dominante.

E' bem digno, pois, de aplausos o vosso programma e, oxalá, frutifique abundantemente!

O Fuzil-Metralhador modelo 1924

O presente estudo sobre o fuzil metralhador francês modelo 1924 está publicado em "La Revue d'Infanterie" de 1.º de maio do corrente anno. Subscreve-o o commandante do batalhão Desaivre.

Divulgando-o em língua vernacula, é meu intuito prestar um modesto serviço aos camaradas em geral. Se, pois, outro valor não tiver a tradução, valha ao menos pelo intento que me move a publicá-la.

Quanto às anotações com que o leitor ha de topar de vez em quando, devo dizer que as motivou a convicção em que me acho de que elas não serão de todo inuteis. Encontrar-se-á decerto alguém que as aproveite, e é quanto basta.

Cap. J. PEREIRA

A ultima guerra facultou-nos fartas provas de que o tiro dos fuzis e mosquetões, ainda que empregados collectivamente, era muitissimo menos mortífero e menos impressionante do que o de uma arma automática poderosa, mesmo isolada.

Por isso, esforçaram-se os belligerantes por aumentar incessantemente o numero de suas metralhadoras. Todavia, ficou para logo demonstrado que estas eram inaptas para serem incorporadas, em quaisquer circunstâncias, na generalidade dos elementos de combate a pé: muito pesadas, muito vulneráveis, muito sobrecarregadas de impedimenta, retardavam a progressão das pequenas unidades de infantaria empregadas nas primeiras linhas. Surgiu então a necessidade do estabelecimento de uma arma automática collectiva mais leve e mais manejável do que a metralhadora pesada, muito embora se tivessem de alcançar semelhantes qualidades á custa de uma certa diminuição da potencia do fogo.

As investigações que se fizeram com esse fim remataram, em França, com o advento do fuzil-metralhador modelo 1915⁽¹⁾ e, em Alle-

(1) O fuzil-metralhador C. S. R. G. modelo 1915 é uma adaptação do fuzil-metralhador Chauchat. Pertence á categoria de armas automáticas de longo recuo do cano (com reforçador); atira com o cartucho francês regulamentar (bala de 8mm); emprega carregadores semi-circulares de 20 cartuchos, que se collocam em sua parte inferior; e pôde fazer o tiro intermitente e o tiro contínuo. Para retardar-lhe o aquecimento e abreviar-lhe o resfriamento, o cano está coberto em cerca de tres quartas partes do comprimento por um irradador de alumínio. Esse conjunto cano-irradiador, por sua vez, está metido em uma camisa de aço, que se destina a protegê-lo e a guiar-lhe os movimentos. Na parte anterior dessa camisa encontram-se orifícios de arejamento.

Durante o tiro, o fuzil-metralhador tem como pontos de apoio os pés, de que é dotado, e o ombro do atirador.

Comprimento da arma	1m 05
Comprimento do cano	0m 45
Peso da arma (sem os obturadores que recebeu em 1920)	9 kg.
Peso do carregador	0 kg. 850
Cadência de tiro	240 disparos por minuto.

manha, com o aparecimento da «leichte Maschinengewehr» modelo 1908-1915⁽²⁾.

Distribuído á infantaria e á cavalaria francesas⁽³⁾ e a certo numero de exercitos aliados, o fuzil-metralhador modelo 1915 prestou serviços relevantes; mas mostrou também, frequentes vezes, que padece de defeitos muito graves e que está sujeito a fragilidades lastimáveis. A precisão é muito fraca; a velocidade prática de tiro⁽⁴⁾, insuficiente; a segurança de funcionamento, aleatoria; a desmontagem e a montagem, complicadas e difíceis de se executarem no campo de batalha. Comparada com as que estão actualmente em serviço no estrangeiro, essa arma é obsoleta e mal qualificada para o desempenho das missões de fogo que competem ao grupo de combate.

Os estudos que se realizaram, no decorrer destes últimos annos, afim de promover-lhe a substituição, terminaram no começo de 1924. Após ensaios comparativos de diferentes matérias, — excellentes, em geral, — imaginados

(2) A «leichte Maschinengewehr», ou metralhadora leve Maxim 08-15, comprehende os mesmos órgãos da pesada 1908, igualmente Maxim, com exceção do mecanismo de disparo. Tem coronha, reforçador de recuo e um cilindro refrigerante, que comporta 3 litros de agua. Emprega fitas-cartucheiras de 100 cartuchos, idênticas ás da metralhadora pesada, acondicionadas em tambores. Os seus pontos de apoio para o tiro são análogos aos do fuzil-metralhador 1915. Peso da arma, com 3 litros de agua: 19 kg. 400.

O aparecimento das metralhadoras leves 08-15 nas unidades alemãs data de abril de 1917. A princípio foi de 3 e depois, de 6 (1918) o numero de armas distribuídas a essas unidades.

(3) A distribuição do fuzil-metralhador modelo 1915 aos exercitos franceses foi feita a partir de 1.º de março de 1916, e á razão de 8 por companhia e de 4 por esquadrão.

(4) Denomina-se VELOCIDADE PRÁTICA DE TIRO, ou simplesmente VELOCIDADE DE TIRO o numero medio de disparos susceptíveis de serem feitos por uma arma, no tiro sobre alvo, em um minuto, com inclusão do tempo necessário para o carregamento ou para a colocação e extração do carregador.

Notas do tradutor.

e fabricados por algumas das nossas manufaturas nacionais e por varias firmas estrangeiras e francesas, ensaios esses que foram feitos, em 1923, não só pelas competentes comissões de experiências, senão também em alguns corpos de tropa de infantaria e de cavalaria, recabiu a escolha no modelo apresentado pelo tenente-coronel (hoje coronel) Reibel, da Manufactura nacional de armas de Châtelleraut.

A experiência demonstrou que, melhor do que qualquer das suas concorrentes, essa arma, denominada «fuzil-metralhador modelo 1924», correspondia às multiplices condições exigidas e conciliava de forma particularmente feliz certas propriedades contraditórias que deve possuir a arma automática collectiva do grupo de combate.

**

Os elementos que se devem considerar, no decurso do exame dos caracteristicos do material que nos propomos estudar, ou de outro semelhante, podem ser grupados desta sorte:

Antes de mais nada, o fuzil-metralhador, núcleo e razão de ser da cellula elementar da infantaria, deve pôr esta arma em condições de utilizar em summo grau os seus dois modos de acção, o fogo e o movimento, de passar rapidamente de um ao outro, e até de os empregar simultaneamente (tiro em marcha).

«Se o fogo deve ser levado ao mais alto grau de potencia e violencia, é com o fim de permitir a marcha para a frente.»

A fim de que possam os fuzileiros contribuir, em grande parte, para a destruição — ou pelo menos para a neutralização — do adversário; afim de que estejam em situação de transportar a sua ameaça sempre para mais perto do objectivo; afim de que, concordemente com os volteadores, alcancem conquistar, e depois conservar o terreno cobiçado, é preciso que a arma automática collectiva de que dispõem allie a potencia à mobilidade⁽⁵⁾.

(5) As condições particulares que deve preencher a arma automática collectiva do grupo de combate são, consoante o parecer dos mais versados no assunto:

- 1º) *Peso maximo:* 9 kilogrammas.
- 2º) *Princípio de funcionamento:* de preferencia, tomada de gazes em um ponto do cano ou longo recuo do cano.
- 3º) *Cadencia de tiro ou velocidade de funcionamento:* cerca de 300 disparos por minuto.
- 4º) *Alimentação:* por meio de carregadores metálicos de 15 a 20 cartuchos.
- 5º) *Calibre:* o mesmo do fuzil ordinario já usado no exercito.
- 6º) *Comprimento do cano:* 50 a 60 centímetros.
- 7º) *Possibilidade de execução do tiro intermitente.*
- 8º) *Existencia na arma de um registro de segurança.*
- 9º) *Adaptação à arma de uma corona fixa.*
- 10º) *Possibilidade de execução do tiro em marcha.*

N. T.

Além disso, o serviço a curto prazo, a iniciação das reservas no emprego de um novo armamento, a presença de forte proporção de elementos indígenas nas fileiras do exercito nacional e a necessidade de se formarem rapidamente, em caso de guerra, os novos contingentes obrigam-nos a dotar ainda o fuzil-metralhador de outra categoria de qualidades: importa que a instrução que lhe concerne seja dada com facilidade e rapidez, e que a sua utilização seja bem simples, de maneira que se não haja de exigir dos seus serventes senão o minimo possível de aptidões e de adestramento especiais.

Mistério se fez, pois, que o inventor, cuidando antes de tudo do papel que devia desempenhar a arma que se propunha realizar, atendendo em seguida as condições em que seria transportada e utilizada, apreciando enfim as obrigações impostas pela instrução, — sem negligenciar ademais nenhuma solução capaz de facilitar e de abreviar a fabricação. — dosasse, com muita subtileza, cada um dos elementos cuja combinação tendia a constituir, em um todo simples, harmonico e facilmente manejável, o instrumento em que se havia de encontrar em volume e peso minimos a maxima potencia de fogo.

Vamos passar, successivamente, em revista os caracteristicos essenciaes, a potencia, a mobilidade, a facilidade de emprego do fuzil-metralhador modelo 1924. Porá fecho a este rápido estudo o exame de alguns dispositivos accessórios da nova arma.

**

O fuzil-metralhador modelo 1924 é uma arma automática, que funciona por tomada de gazes em um ponto do cano⁽⁶⁾.

O movimento retrogrado do embolo provoca o destrancamento, a extracção, a ejecção,

(6) Do ponto de vista dos principios motores, as armas automaticas podem ser classificadas do seguinte modo:

- 1º) *Armas que funcionam pela utilização do recuo.*
- 2º) *Armas que funcionam por tomada de gazes* (em um ponto do cano, na boca ou na camara).
- 3º) *Armas que funcionam por forcamento da bala no cano.*
- 4º) *Armas que funcionam por inercia de uma peça do mecanismo.*
- 5º) *Armas mixtas.*

Os tipos principaes das armas que funcionam por tomada de gazes em um ponto do cano, como o fuzil-metralhador modelo 1924, são: metralhadora francesa Hotchkiss modelos 1897-1900 e 1914; metralhadora francesa modelo 1907, de Saint-Etienne; metralhadora americana Colt modelo 1897; metralhadora leve Hotchkiss modelo 1909; metralhadora leve inglesa Lewis modelo 1915; fuzil-metralhador italiano Ceii-Rigotti modelo 1900; fuzil-metralhador americano Browning modelo 1918; fuzil-metralhador Hotchkiss modelo 1922; fuzil automático mexicano Mondragon modelo 1908; fuzis automaticos franceses modelos 1917 e 1918.

N. T.

a abertura e o engatilhamento; a volta á posição inicial determina a alimentação, o fechamento, o trancamento e a percussão.

O extractor, rígido, tem duas mangas oblíquas, e a mola, que o impelle.

O ejector, pertencente a um tipo novo, articula-se com a caixa da culatra, em cuja face direita se encontra a janella de ejeção.

Gracias a um dispositivo original, o mecanismo de disparo permite que se passe instantaneamente do tiro intermitente ao tiro contínuo, ou inversamente, sem que se torne necessário mover uma alavanca, nem mesmo interromper a pontaria.

A alimentação é feita por meio de carregadores com 25 cartuchos dispostos em duas filas imbricadas. O carregador é colocado na parte superior da arma. Assim que se realiza o disparo do último cartucho, a culatra fica immobilizada na posição de abertura.

Obtem-se o trancamento por meio de uma escora fixa, em que se vem apoiar parte da extremidade posterior da culatra.

O percussor, muito massiço e muito robusto, está cavilhado no embolo.

Com ser a parte móvel relativamente leve e a extensão do seu percurso reduzida ao mínimo, poderia resultar dali uma grande velocidade de funcionamento (7). Esta, porém, ficou automaticamente limitada a cerca de 450 disparos por minuto, para que se possa obter uma dosagem de tiro (8) suficiente, com diminuição ao mesmo tempo do consumo das munições e da fadiga da arma.

Consegue-se esse resultado gracias a um gatilho que, durante curto espaço de tempo,

(7) Denomina-se VELOCIDADE DE FUNCIONAMENTO ou CADÊNCIA DE TIRO o numero de disparos feitos por uma arma em um minuto, com exclusão do tempo gasto com a collocação e retirada do carregador, e bem assim com a resolução dos incidentes de tiro.

(Claro está que esta definição só se pôde aplicar ás armas automáticas de tiro contínuo).

(8) Denomina-se DOSAGEM DE TIRO o numero de disparos efectivamente feitos por uma arma, em determinada circunstância, num minuto, com inclusão do tempo necessário para o carregamento ou para a collocação e retirada do carregador, e, além disso, do tempo empregado em resolver qualquer incidente imputável quer á arma, quer á munição, quer ao atirador. Na pratica, a dosagem máxima se confunde com a velocidade de tiro, quando a arma é sujeita a raros incidentes.

immobilisa o embolo ao termo de cada movimento de abertura. Baseia-se o princípio de funcionamento desse moderador igualmente simples, robusto e seguro na accão de uma rebarrá.

Um amortecedor impede o choque da parte móvel contra a caixa da culatra.

Um registro de segurança permite travar á vontade o mecanismo de disparo; nenhuma accão exerce elle sobre o gatilho.

A arma é provida de quebra-chamas, cujo tipo é novo, de pés não extensíveis, de guardamão, de punho e de hombreira. Enquanto não é preciso o seu emprego, esta fica rebatida sobre a chapa da soleira (10).

Para a execução da maior parte dos tiros, ha um espeque da coronha (11), que se transporta em separado do fuzil-metralhador.

Fóra dos períodos de accão, obturadores eficazes e pouco embaraçosos fecham as aberturas da caixa da culatra.

A alça comporta um olhal disposto sobre um cursor que deslisa em uma lamina; a massa de mira é retangular. Como o carregador é colocado na parte superior da caixa da culatra, a linha de mira está deslocada para a esquerda da arma (12).

O comprimento do fuzil-metralhador modelo 1924 não chega a 1m. 10 e o seu peso (sem o espeque da coronha) é pouco inferior a 9 kilogrammas.

O cartucho (13) tem 7mm. 5 de calibre; pesa cerca de 24 grammas. Comprende o estojo cylindrico, com gargalo, a capsula, a carga de projecção e uma bala curta, ogival-ponteaguda, constituída de um nucleo de chumbo endurecido e de uma camisa.

(Continua)

(9) O fuzil-metralhador Hotchkiss modelo 1922 é dotado igualmente de um moderador de cadênciia. Esse moderador evita o desgasto prematuro das raias, o desperdicio das munições e quadruplica a efficacia da pontaria.

N. T.

(10) O mesmo acontece com a hombreira da metralhadora leve Hotchkiss.

(11) Semelhante ao do fuzil-metralhador Madsen.

(12) A linha de mira do fuzil-metralhador Madsen, pela sua parte, está deslocada para a direita.

N. T.

(13) Denominada modelo 1924 C.

Emprego da engenharia na organização do terreno em ligação com a infantaria

(artigo do Sr. Coronel Letourner, publicado na *Revue d'infanterie*, do mes de Fevereiro do corrente anno)

Trad. do 1º Ten. *Octavio Paranhos*

I

A instrução provisória sobre o emprego tático das grandes unidades declara no paragrapho 27:

«Na defensiva, a engenharia estabelece ou melhora as comunicações do campo de batalha, prepara as destruições destinadas a retardar a progressão do inimigo e pôde participar na organização do terreno no que diz respeito a determinados trabalhos especiaes».

Esta Instrução parece, por consequência, admittir que a engenharia poderá não participar nos trabalhos de organização, propriamente ditos, das posições. Então pertencerão unicamente á infantaria os referidos trabalhos.

O precitado paragrapho tem bastante rivalizado a arma de engenharia, tem produzido discussões apaixonadas e já fez correr muita tinta.

Pode-se perguntar, si a infantaria estará em situação, em uma proxima guerra, de confirmar a missão que lhe impõe o regulamento.

Estará ella apta, para executar sózinha, com as condições de rapidez suficiente, todas as terraplenagens de que necessita a organização completa do terreno, sem falar das defesas accessórias e dos abrigos?

E' permitido duvidar. Sua instrução (quadros e homens) não é nada incitada em tempo de paz. A recente suppressão dos estagios de seus pioneiros nos regimentos de sapadores mineiros não melhorará, longe disto, esta situação.

E depois, a organização do terreno pôde ser obra de uma unica arma? Em tática, é pela ligação das armas, sómente, que esse resultado pôde ser obtido, e a organização do terreno é uma questão de ordem tática.

A engenharia, arma da fortificação permanente, arma de grande rendimento de trabalho, deve ahi cooperar em grande escala, em ligação com as outras armas.

Sobre algumas destas idéas geraes, toda a gente está certamente de acordo.

Quanto ao mais, os redactores do regulamento sobre o emprego tático das grandes unidades procuraram sobretudo dizer que a infantaria deverá manter-se prompta, na falta da engenharia, empregada em outra parte e pouco numerosa, a ella propria soffrivelmente se bastar, para a organização do terreno.

Os sapadores podem portanto estar seguros de que o commando appellará para elles para a organização das posições. Que se preparem para esta missão! Não lhes faltará trabalho, nem a confiança do commando.

II

Porém a verdadeira difficultade não é saber se a engenharia concorrerá ou não na organização das posições.

Acabamos de ver o que é preciso responder a esta questão. As difficultades começam quando entramos na parte sensivel do assumpto, isto é, quando perguntamos qual será o quinhão da engenharia, qual será seu papel na direcção, depois na execução dos trabalhos?

Uma difficultade desse genero não se apresenta para a artilharia, a missão da artilharia na defesa do terreno é bem determinada; os trabalhos que esta arma deve executar são aquelles necessarios a sua propria installação.

No que concerne á engenharia, a difficultade origina-se porque a defesa do terreno é baseada, em primeiro logar, sobre o emprego do armamento da infantaria.

Esta ultima arma, se bem que pouco apta a execução dos trabalhos de grande rendimento, deve então presidir á localização do seu armamento e, na grande maioria dos casos, installá-lo por seus proprios meios.

A engenharia não poderá substituir-a nessa tarefa.

Neste ponto de vista, é indispensável reparar que o armamento da infantaria foi principalmente reforçado e complicado durante a guerra.

Em 1914, o regimento de infantaria tinha três secções de metralhadoras de duas peças, sejam duas metralhadoras para 1.000 homens.

Hoje, a posição moderna é uma zona por companhia, 3 companhias de metralhadoras (48 metralhadoras), seja cerca de 25 armas automaticas para 1.000 homens, doze vezes a proporção de antes da guerra.

Além disso, acrescento que o regimento dispõe de seus engenhos de acompanhamento (3 secções comprendendo cada uma, 1 canhão de 37 e 1 Stokes), de granadas de toda a natureza (offensivas, defensivas, incendiárias, V.-B., etc.).

Em resumo, se, no regimento de infantaria, o efectivo homem foi reduzido de um quarto ($\frac{1}{4}$), a proporção de armas automaticas é mais que dupla; o armamento não tem mais nenhuma uniformidade (fuzil, metralhadora, F. M., engenhos, etc.).

Esta evolução tão profunda da infantaria não está terminada. Quem sabe se, amanhã, esta arma não será munida de um possante canhão de acompanhamento sobre lagarta, de poderosas metralhadoras contra carros e contra aviões, etc....

A transformação do armamento da infantaria tem naturalmente reagido sobre os processos de defesa e de organização do terreno!

Em 1914, uma posição comprehendia, em geral, um certo numero de elementos de trincheira, construidas nos accessos da crista militar, flanqueando-se mutuamente.

Algumas vezes, construia-se na retaguarda uma segunda serie de elementos, chamados de apoio. Esses elementos de trincheira eram guarnecidos de defensores um ao lado do outro.

Nós os vimos todos nos campos de batalha em Setembro e Outubro de 1914. Os elementos de trincheira primeiramente construídos tornavam-se muito rapidamente trincheiras continuas.

Era então fácil, nessa época, dar a uma companhia de engenharia, ordem de organizar (segundo a expressão consagrada) «a posição».

O problema a resolver dependia sobretudo dos bons campos de tiro ofere-

cidos pelo terreno, o traçado da posição seguia, para assim dizer, as curvas.

O armamento sendo uniformemente (ou semelhante) o fuzil, que era também a arma do sapador, não era prevista nenhuma dificuldade particular.

Hoje, o regimento possue: 12 F. M. de terreno no interior da qual se escalam as armas automaticas, cujos locaes, cuidadosamente disfarçados, evitam toda referencia visivel, cujos fogos são regulados segundo um plano de fogos previamente bem estudado, em ligação com a artilharia.

Quanto ás paralelas, quando tivermos tempo de executá-las, estas serão sobretudo (como as sapas) meios de comunicações enterradas.

A questão é então muito mais complexa hoje que outr'ora. É mesmo desta complexidade que nascem as discussões actuais sobre o emprego da engenharia na organização do terreno.

III

Parece todavia que seja facil vêr claro nesta questão.

A instrução de 12 de Setembro de 1924 sobre a organização do terreno (art. 79) dá uma ordem de urgencia para o emprego dos sapadores-mineiros. Elles são empregados:

1º — Nos trabalhos particulares de sua arma;

2º — Nos trabalhos de vias de comunicações;

3º — Nos trabalhos de organização do terreno, que exigem uma habilidade técnica excedendo da possuída pelas outras armas;

4º — Excepcionalmente, nos trabalhos ordinarios...

Primeiramente, é permitido observar que, em uma questão deste gênero, não deverá ter ahi ordem de urgencia tipo; tudo depende da situação, tudo é função do «caso concreto».

O artigo 79 não deverá então nos dar senão uma indicação de ordem muito geral. De outra parte, pode-se perguntar se, muito frequentemente, não são os trabalhos previstos excepcionalmente na 4.ª alínea que serão o quinhão habitual do sapador divisionário.

IV

Nossos regulamentos estabelecem em principio que é antes de tudo pelo fogo que se defende o terreno. A defesa é baseada essencialmente na organisação de um sistema de fogos (fogos de infantaria e artilharia combinados) continuo e profundo.

A arma automatica (metralhadora, F. M.) é considerada a arma principal na defesa do terreno.

A organisação das barragens de fogos de infantaria previstos pelos nossos regulamentos é então a parte capital da instalação defensiva e a base de toda a organisação do terreno. A maneira a mais simples e a mais logica de conceber a organisação de uma posição consistiria pois em desdobrar sobre o terreno, na sua formação de combate, a infantaria encarregada da defesa. Cada grupo de combate, cada seção de metralhadoras executaria no local os trabalhos de sua instalação (cobertura, abrigo, defesa accessoria). Essa maneira de proceder não é outra que aquella que se applica forçado ao contacto mesmo do inimigo.

Vê-se imediatamente que a grande dificuldade que se apresenta, em uma organisação deste genero, é de assegurar a coordenação, a cohesão dos trabalhos, sobre o conjunto da frente (batalhão, regimento, divisão, etc.).

Esta cohesão traduz-se sobretudo pela ligação dos fogos, combinados com o obstáculo (barragens de fogos successivas) e pelo judicioso traçado do conjunto das comunicações enterradas.

A necessidade da coordenação dos trabalhos apresenta-se á, qualquer que seja a situação tactica.

Convirá realizar-a com perfeição em cada caso particular. E' a função do commando em todos os escalões, é o objecto principal das ordens que elle dá para a organisação.

V

Para estudar mais facilmente o emprego da engenharia distinguiremos:

1º O papel dos estados maiores e do commando da engenharia na direcção e preparação dos trabalhos de organisação do terreno;

2º A participação das tropas da engenharia nos ditos trabalhos.

PAPEL DO COMMANDO E DOS ESTADOS MAIORES DA ENGENHARIA

Os planos e ordens do commando fazem o objecto do titulo II da instrucção provisoria de 12 setembro de 1924. Não ha nada de importante a annexar aos artigos 89 e seguintes deste regulamento. Porém elle não se satisfaz de dar ordens.

E' preciso assegurar e facilitar a execução pelos escalões subordinados.

E' aqui que interveem os auxiliares indispensaveis do commando. Primeiramente os estados maiores, depois e em ligação com estes ultimos, o commando e os estados maiores da engenharia.

O commando e os estados maiores da engenharia participam primeiramente nos reconhecimentos preliminares á organisação da posição (1).

Notemos, de passagem, que esta participação exige, de sua parte, um serio conhecimento do emprego tactico das outras armas e em particular das propriedades do armamento da infantaria. No decorrer dos seus reconhecimentos, o commando da engenharia deve poder emitir uma opinião attendida sobre tudo aquillo que diz respeito á organisação da posição.

Elle deve mais particularmente voltar sua attenção:

1º — Sobre a natureza do solo, o escoamento das aguas;

2º — Sobre os recursos offerecidos pela posição no que concerne á cobertura, sobre os trabalhos e o material necessário para melhorar-a, sobre o modo mais indicado para a construcção dos abrigos e observatorios;

3º — Sobre os obstáculos existentes ou a organizar, particularmente contra os carros;

4º — Sobre as destruições eventuais, etc.;

5º — Sobre as comunicações interiores e com a retaguarda da posição; seu apparelhamento;

6º — Sobre os recursos em material podendo ser achado no local e, por consequencia, sobre a importancia dos pedidos a fazer para a retaguarda.

(1) Nós nos collocamos, aqui, no caso de uma posição organisaada a uma determinada distancia do inimigo.

Os reconhecimentos executados, as decisões tomadas, as ordens dadas, tratasse primeiramente de fixar sobre o terreno:

a) — O traçado dos principaes elementos da posição:

- orla exterior;
- linha de apoio;
- linha de deter.

b) — O traçado do conjunto das defesas accessórias.

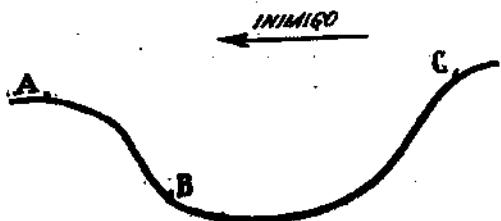
c) — O traçado geral das comunicações enterradas.

Para a execução dos planos e croquis de detalhe pertencendo a esses traçados, para os estaqueamentos e os balisamentos necessarios, os officiaes da engenharia são os auxiliares directos do commando.

Algumas precisões parecem necessarias a este respeito.

a) — *O traçado da orla exterior*, por exemplo, deve ser frequentemente precisado com muito detalhe pelo general de

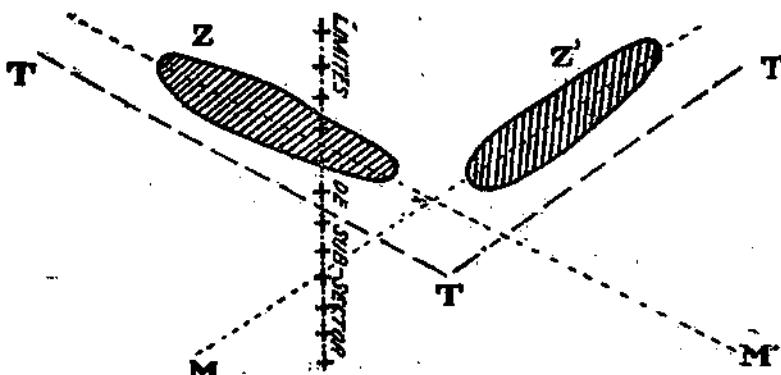
frete da divisão e, em particular, nos limites dos sub-sectores e dos sectores, seja, por exemplo, duas metralhadoras M M' batendo respectivamente as zonas de terreno Z Z'



(Fig. 1)

O traçado T T das defesas accessórias (obstáculo) deve ser combinado com o das zonas batidas.

Esses traçados podem ser estaqueados e executados vantajosamente, pela engenharia divisionaria, depois de entendimento com os commandantes dos subsectores dos quarteirões interessados (Fig. 2).



(Fig. 2)

divisão, sobretudo no limite dos sub-sectores.

A iniciativa dos commandantes de sub-sectores não se pode exercer, neste ponto de vista, dentro de limites muito estreitos.

No caso de um terreno tal qual está figurado no schema acima, é certo que é uma questão do commando, saber si a orla exterior passará em A (sobre a crista), em B na contra vertente, ou em C sobre a vertente oposta; e isto, mesmo se a distancia AC não é senão de 200 ou 300 metros. (Fig. 1)

b) — As defesas accessórias devem fazer objecto de um traçado coordenado (todas as vezes que é possivel) sobre a

c) — *Traçado das comunicações enterradas*, — Conforme as prescrições do novo regulamento, as comunicações enterradas (parallelas e sapas) são fossos dispostos para assegurar a circulação, a protecção contra as vistas e os tiros.

Seu traçado é determinado por (art. 30):

- os pontos a ligar;
- as facilidades de desenfiaamento;
- as condições de evacuação das aguas.

Ellas podem, além disso, ser apparelhadas, nos locaes propicios, para a instalação dos fogos.

Nestas condições, concebe-se quanto seu traçado, que deve corresponder a condições muitas vezes contraditorias, é delicado.

É evidente que há interesse, desde que as circunstâncias permitem, que o traçado das principais comunicações seja feito sob uma única direcção sobre o conjunto da frente da divisão. Há igualmente interesse em colocar a execução dos trabalhos das principais comunicações enterradas debaixo de uma única direcção.

O comando da engenharia divisionária, dispondo de auxiliares (trabalhadores), é inteiramente indicado para ser normalmente o encarregado.

OUTRAS MISSÕES COMPETINDO AOS COMMANDOS E ESTADOS MAIORES DA ENGENHARIA

A) — *Trabalhos especiais* (projectos e direcção) — Estes são os apontados no artigo 79 (1.ª e 2.ª alíneas) da instrução sobre a organização do terreno: pontes, minas, destruições das vias de comunicações.

Ha lugar de insistir um pouco sobre estas últimas.

As destruições massivas das vias de comunicações são um meio dos mais importantes á disposição do defensor.

Na frente de uma posição de resistência, por exemplo, haverá lugar, quando se pudér, de crear uma zona profunda de destruição, particularmente com o fim de embarazar a instalação da artilharia e de seus reabastecimentos.

Quando a frente a defender é muito grande (10-15 kilómetros para uma divisão por exemplo), haverá sempre lugar, nas zonas que melhor se prestem, o emprego das destruições.

Ellas permittirão reduzir sem muitos riscos a profundidade dos sistemas de fogos de infantaria e de aumentar, por consequencia, a frente de determinadas unidades.

As destruições são a principal função do sapador.

Ellas exigem muito tempo e meios (explosivos).

Devemos prever-as em tempo útil. Questão de comando.

B) — *Trabalhos de interesse geral* — Os projectos, a direcção desses trabalhos pertencem aos estados maiores da engenharia.

Citemos entre os mais importantes:

- Construção de grupos de abrigos para as reservas;
- Trabalhos de escoamento das águas;
- Trabalhos de comunicações (estradas, caminhos, pistas, etc.).

C) — *Reabastecimento em material e em ferramentas*. — O reabastecimento em material e ferramentas é dirigido, sob a autoridade do comando, pelo comandante da engenharia.

Digamos algumas palavras deste reabastecimento no escalão divisão:

O comandante da engenharia divisionária dispõe como meios de execução:

1º — De uma companhia de parque divisionário (1 oficial, 60 homens, 48 cavalos, 9 viaturas ⁽¹⁾).

2º — Dos auxiliares (trabalhadores) que o comando põe à sua disposição. A este respeito, esquece-se muitas vezes, nos estados maiores, que é preciso gente para remover as toneladas de material.

Constituir-se-á, em geral, um depósito divisionário de material (depósito de sector). O material a depositar aí não excederá as quantidades necessárias para 5 ou 6 dias de trabalho. Esse depósito será muito a miúdo reabastecido directamente (por caminhões ou via ferrea) pelo stock do exército (15-20 dias de material), installado sobre a via normal ⁽²⁾.

O depósito de material divisionário será colocado em um local de acesso fácil, de dia e de noite, aos caminhões e viaturas hippomóveis. Se isto é possível, é vantajoso ligá-lo por via ferrea, pelo menos por via estreita.

Perto da frente, em cada sector de regimento, organizar-se-á depósitos avançados, dirigidos pelos Coroneis. Nesses

⁽¹⁾ Das quais três viaturas pequenas (caminhões) de ferramenta.

⁽²⁾ Poderá ser installado, em certos casos, um depósito de material (D. M. C.) de corpo de exercito.

depósitos de sub-sector armazenar-se-ão cerca de dois dias de material.

Não ha interesse em aumentar desmedidamente o numero desses depósitos, nem abri acumular muito material.

Elles serão reabastecidos pelos cuidados da engenharia divisionaria, com auxilio de viaturas hippomoveis tomadas na divisão, ou fornecidas pelo corpo de exercito ou exercito.

O disfarce dos depósitos de material deve fazer objecto de cuidados particulares. Serão installados de preferencia nas cobertas do terreno.

Ferramenta: No que diz respeito á ferramenta, possuir-se-á primeiramente nas tres viaturas pequenas da companhia de parque divisionario. No total: 525 pás, 315 picaretas, 393 ferramentas de destruição.

Far-se-á depois appello aos recursos do exercito (1).

D) — *Estabelecimento e conservação em dia dos planos de organização* (art. 90) — Compete aos sapadores, sob a egredia direcção do commando.

Nenhum está melhor colocado, nem é mais apto para este trabalho. A engenharia divisionaria deve mahtet em dia um plano detalhado do ESTADO DOS TRABALHOS do sector.

E) — O papel dos commandantes da engenharia como conselheiros technicos do commando está definido no artigo 82 do novo regulamento.

A notar que, segundo esse regulamento, o commandante da engenharia verifica, como delegado do commando, as condições technicas nas quaes os trabalhos são executados pelas tropas de todas as armas.

Em resumo, o commando e os estados maiores da engenharia devem ser os auxiliares directos do comando, para tudo aquillo que diz respeito aos trabalhos de organização das posições, como na artilharia, quando se trata da organização dos fogos.

A tarefa a confiar aos officiaes da engenharia depende evidentemente da situação.

Elles poderão mesmo ser encarregados da organização completa (inclusive barragem de fogos) de determinadas posições de segunda linha, organisadas com vagar, com o concurso das unidades de trabalhadores.

VI

PARTICIPAÇÃO DAS TROPAS DA ENGENHARIA NOS TRABALHOS DA ORGANISACÃO DO TERRENO

Primeiramente estabeleceremos em principio, que o emprego das tropas da engenharia, na defesa do terreno, depende antes de tudo da situação tactica. E uma questão de caso concreto. O melhor emprego será sempre aquelle que mais facilite á infantaria a pesada missão que lhe compete.

A engenharia não será portanto encarregada forçada dos unicos trabalhos especiaes de que fala a instrucção provisoria sobre o emprego tactico das grandes unidades.

Arma de grande rendimento de trabalho, ella será encarregada de todos os trabalhos, especiaes ou não, que se revearem os mais urgentes, os mais uteis á infantaria na situação em que nos acharmos.

E' ao commando que compete determinar a natureza desses trabalhos, aos estados maiores da engenharia que pertence fazer todas proposições uteis a este respeito.

Partindo desta idéa directriz, examinemos primeiramente a participação das tropas da engenharia nos trabalhos ordinarios (previstos excepcionalmente na 4.ª alinea do art. 79).

Os trabalhos ordinarios tem em geral por fim:

1º — A installação dos orgãos de fogo da infantaria, isto é, a criação:

— Da *coberta* destinada ao armamento;

— Do *obstaculo* (defesas accessórias);

— Do *abriga* (activo ou passivo).

2º — A criação da rede das comunicações enterradas.

(1) Não ha, por enquanto, parque de engenharia no corpo de exercito.

No que concerne á instalação dos fogos, é incontestável que ella só pôde ser, na maioria dos casos, obra da infantaria. Mas quer isso dizer que a engenharia della não participará senão excepcionalmente?

A esta questão, pôde-se responder: não, com toda a firmeza. As tropas da engenharia participarão sempre nos trabalhos de instalação dos fogos da infantaria.

Haverá sempre abrigos á prova (activos ou passivos) a executar rapidamente para uma metralhadora flanqueando principalmente, por exemplo, toda uma parte da posição.

Sómente os sapadores são capazes de executar com rapidez um trabalho desta ordem. Seria um crime não chamar-los para executar este trabalho urgente e indispensável, sob o pretexto que a infantaria «deve» saber fazê-lo.

A organização das partes utilizáveis das cidades (criação de abrigos activos ou passivos nos escombros das casas, reforçamento das cavas existentes) é, da mesma maneira, função dos sapadores, muito mais que da infantaria. E' delles igualmente os trabalhos a executar nos bosques.

Em uma outra ordem de idéas, haverá muito frequentemente pedaços indispensáveis de sapas a executar, na mesma noite, para assegurar, de dia, as comunicações de uma unidade particularmente exposta.

Ha numerosos exemplos deste facto durante a guerra onde, uma vez terminada a acção, companhias inteiras de engenharia foram empregados em um trabalho desse género.

A rapidez da execução do trabalho em casos semelhantes a tudo sobrepuja.

Sómente o sapador é instruído, provido de instrumentos e comandado para trabalhar ligeiro.

Falei acima do emprego da engenharia para a piquetagem e o traçado de determinados trabalhos necessitando uma coordenação sobre o conjunto da frente do regimento, da divisão, etc... Não voltarei ahi.

Trabalhos apresentando dificuldade particular — Trabalhos especiais — Esses

trabalhos serão executados pelos sapadores.

Em terreno ruim, em particular, a construção de abrigos, ou mesmo simplesmente comunicações enterradas (esta ultima exigindo revestimentos cuidadosos) só pôde ser executado pela engenharia.

Trabalhos de interesse geral: — Serão executados pelas companhias de engenharia reforçadas com auxiliares (infantaria ou trabalhadores).

MODO DE EMPREGO DOS SAPADORES

Os sapadores devem ser empregados sob as ordens de seus chefes, por unidades constituídas (a secção parece ser a menor fracção da engenharia podendo ser empregada isoladamente). (Reportar-se ao artigo 96 do novo regulamento).

O commando (general de divisão) deve precisar os trabalhos a executar, em cada sub-sector, pelas unidades da engenharia.

Esses trabalhos são repartidos e executados, segundo entendimento com os commandantes de sub-sector pelos commandantes da unidade de engenharia. Estes ultimos, em geral livres dos processos técnicos a empregar, são responsáveis perante o general de divisão pela boa execução dos trabalhos.

Uma vez executados os trabalhos indicados pelo commando, a unidade da engenharia recebe, da parte deste ultimo, uma nova missão.

VII

CONCLUSÕES

Antes da guerra, tanto nos exercícios sobre a carta como durante as manobras, acontecia frequentemente omitir-se, nas ordens, o emprego da engenharia. Ou melhor, não se lhe dava nenhuma missão, ou melhor, empregavam-na como infantaria.

Muito raramente encarava-se o emprego desta arma, em ligação com as outras, para atingir o fim commun, utilizando com perfeição sua instrução e a capacidade de trabalho dos quadros e dos homens. A guerra passou.

Vamos, hoje, voltar, no que diz respeito á engenharia, aos hábitos de antes da guerra.

Isto seria muito pouco adequado aos ensinamentos que colhemos durante cinco anos nos campos de batalha.

No, que concerne á organização do terreno, as linhas que precedem mostram que é muito simples, com pouco esforço intelectual, de empregar racionalmente a engenharia.

Procuremos a occasião de fazer trabalhar juntas as duas armas irmãs, a infantaria e a engenharia.

O emprego dos quadros das companhias de cada uma dessas armas, bem dirigidos e operando juntos no terreno, parece particularmente aconselhado em todas as guarnições onde as duas armas vivem lado a lado, ou nos campos de instrucção.

E' facil, com quadros de duas companhias dirigidas por exemplo, por um chefe de batalhão, de determinar e piquetar os elementos de uma posição em um sector de regimento.

A infantaria coloca no logar seu sistema de fogos, pede, se ha logar, para determinados trabalhos, a colaboração da engenharia (que faz os projectos necessarios). A engenharia em ligação com a infantaria, estabelece o projecto (delinea o material necessário, reparte em tarefas, etc...) das defesas accessórias, das comunicações enterradas.

A engenharia estuda depois: os trabalhos especiaes que lhe compete, os trabalhos de interesse geral.

A direcção critica e resume os ensinamentos do exercicio.

Esse exercicio são facéis de organizar, com a condição de não ser muito vasto o terreno.

Uma frente de regimento (2 a 3 kms.), até mesmo de batalhão (1.000 a 1.200 metros), é amplamente suficiente para uma manobra importante.

E' preciso estar persuadido que em matéria de organização do terreno, a ligação infantaria — engenharia é de umha importância igual a da ligação infantaria — artilharia no combate.

O centenario de Solano Lopez

Fiel ao patriótico programma que a vem norteando, através de todas as vicissitudes, nesses treze annos de sua existencia, congratula-se a nossa revista com o Sr. Dr. Lindolfo Collor pelo substancioso artigo que publicou no «O Paiz» de 25 de julho fundo, ácerca do centenario de Solano Lopez.

Não ha, de feito, como justificar a diligencia com que alguns filhos da nação vizinha, orientados pelo escriptor Juan E. O'Leary, estão tentando, por mais que custe, rehabilitar a memoria do dictador paraguayo.

Francisco Solano Lopez — em que pese á opinião dos seus minguados admiradores — foi um verdugo do seu proprio povo, um desassassino, um desses vultos eminentemente tragicos para os quaes a historia só pôde ter as mais terríveis objurgações. Pretender collocar-o entre os martyres dos ideias de paz e de fraternidade; intentar nivelal-o com essas figuras legendarias que se sacrificaram, em sanguinosas lutas, por implantar a liberdade nas nações da America; querer alistar-o entre os que devem sobreviver no respeito e na admiração do mundo, é perpetrar o maior dos descommendamentos.

Aliás, pouco nos importaria que os paraguayos, deslembroando-se dos grandes males que

advieram para a sua patria da dictadura de Solano Lopez, continuassem a venerar-lhe o nome e a sobralçar-lhe os feitos, se isto não representasse uma condenação formal á guerra que lhe movemos durante cinco longos annos. Mas o certo é que «fazer o elogio do terceiro dictador paraguayo, na hora em que a vizinha Republica, pela actividade infatigavel dos seus filhos, começa a resurgir dos escombros da guerra, equivale, pela implicita significação dos acontecimentos, a proclamar a nossa culpa principal no arrazamento economico e cultural do Paraguay».

Por isso, bem acertado andou o ardoroso jornalista brasileiro Dr. Lindolfo Collor com a publicação do seu brilhante artigo. Foi uma obra de patriotismo, que muito o eleva aos olhos dos que desejam a paz, mas a paz com honra, a paz com dignidade, e não a paz dos vis, a paz dos pusillanimes, a paz dos dessexuados.

Pena é que tão convincente escripto não tenha a divulgação de que é, incontestavelmente, digno, pois veio desfazer, de uma vez por todas, a Inverdade historica, segundo a qual a nós, e sómente a nós, é que cabe a culpa da malfadada guerra em que sacrificaram a vida milhares de brasileiros valerosos, deante de cujas tumbas veneraveis o Brasil se curva, agradecido.

Subsídios para os quadros de reserva

(A nossa contribuição)

O DEVER DE TODOS

Não ha duvida que a obra de Bilac comportaria um segundo lanço, se o seu desapparecimento não se tivesse dado tão cedo.

Ao tempo em que o grande vate brasileiro ergueu sua voz divina e dirigiu-a á nossa mocidade, a nossa maior necessidade era de soldados. Foi no tempo em que começava a formidável obra da profunda reorganização do nosso Exercito, em que se tratava de construir os alicerces, fazer a tropa.

Annos depois, a construcção já ia alta e se foram encarando successivamente outros muitos aspectos de organisação sem os quaes nada valeriam os esforços feitos. Então, se ainda vivesse o formoso verbo de Bilac, certamente incidiria elle sobre o officialato de reserva e no momento actual, talvez, outras seriam as circunstancias do nosso Exercito.

**

O nosso grande dever no momento, dever de todos quantos tem a consciencia ou o sentimento das necessidades militares do nosso paiz, é fazer por acção conjuncta e energica o que faria por si só a alma encantadora do nosso saudoso patrício.

O soldado já o temos, embora o Sorteio Militar atravesse, actualmente, formidável crise. Rarefeito o ambiente, decretadas medidas decisivas, enfim afastadas as causas que o dilaceram, o recrutamento pelo sorteio voltará ao que foi e possivelmente muito melhorado em sua execução.

O official de reserva é que representa a direcção do esforço principal no trabalho que vamos iniciando de soerguimento, de reajustamento do Exercito como instituição nacional. O que se ha feito sobre a formação dos quadros de reserva nada é. Está tudo por se fazer.

Tenhamos a coragem de reconhecel-o e a fé e a energia necessarias para a realisação que se impõe.

I — NOÇÕES SOBRE A SEGURANÇA (R. S. C. — Título IV).

Fins

1.º (essencial) — Permittir ao comando *tomar suas disposições*, isto é, reunir, dispor e empregar seus meios de modo a executar a missão recebida, qualquer que seja a vontade do inimigo (liberdade de acção do comando);

2.º Garantir a *protecção* da tropa contra os perigos do ar, as surpresas de terra e os efeitos dos gases de combate.

Acções do inimigo a temer

Ataque da aeronautica (combate de dia e de noite e tiros de metralhadoras dos balões e aviões), qualquer que seja a distancia do Grosso inimigo;

— Inquietação dos elementos ligeiros (de cavalaria, em automoveis ou em aviões), mesmo quando ainda se está á grande distancia dos elementos mais avançados do inimigo;

— Fogo da artilharia pesada de grande alcance (inquietação sobre pontos importantes ou fogos systematicos sobre objectivos de valor e de grandes dimensões), possível a distancias muito maiores de 20 kms. mas de efeitos quasi que exclusivamente moraes;

— Fogo da artilharia de todos os calibres e accionada dos observatorios terrestres ou aereos contra objectivos bem determinados; este fogo pôde fazer-se sentir até 15 kms. dos elementos avançados do inimigo mas só é verdadeiramente efficaz a partir dos 8 kms.;

— Fogo das armas automaticas (inquietação), possível até 4 kms. dos elementos mais avançados ou mesmo a grandes distancias quando executados por elementos ligeiros (cavalaria, automoveis e aviões);

— Fogo das armas automaticas constituindo sistema de efeitos muito serios e que só se consegue evitar neutralisando-o tambem pelo fogo; faz-se sentir a partir dos 2.000 ms. da Posição de Postos Avançados ou da Posição de Resistência do inimigo;

— Acção de força dos destacamentos de segurança ou do Grosso do inimigo, de acordo com as possibilidades do momento (distancias e estradas a percorrer, meios de transporte disponíveis, conhecimento da situação, etc.) e capaz de impedir que a missão seja cumprida.

Meios

1.º Informações sobre o inimigo (seus meios, intenções e possibilidades);

2.º Dispositivo da tropa;

3.º Elementos especiaes de segurança (Destacamentos de segurança, defesa anti-aerea, aviação).

O emprego destes meios é extremamente variavel, principalmente com as possibilidades de acção do inimigo; mas todos são applicaveis

por qualquer escalão de comando, em maior ou menor escala e de acordo com a situação particular de cada unidade. Mesmo as unidades não ameaçadas imediatamente (unidades do Grosso, unidades do 2.º escalão ou a grande distância do inimigo) não devem deixar de adoptar medidas de segurança, por mais simples que estas sejam.

Informações

As informações são obtidas pela:

- aeronautica (aviação de observação);
- cavalaria (elementos de desobertura, ação do grosso da cavalaria de exploração, da divisionaria e da dos destacamentos mixtos);
- destacamentos de segurança;
- tropas em contacto (elementos de vigilância, observação terrestre, reconhecimentos offensivos, etc.);
- órgãos especiais de observação terrestre e aérea;
- órgãos especiais de procura de informações (escuta, prisioneiros, espionagens, dados de varias procedencias, etc.).

O conhecimento da situação do inimigo constitue um dos principaes elementos em que o commando se basêa para tomar sua decisão.

Dispositivo

Em qualquer occasião, o dispositivo da tropa deve ser o que mais convenha á execução das intenções do chefe. Por isso elle corresponde sempre á missão do momento ou á mais provável e também ás possibilidades do inimigo, e é amoldado ao terreno da ação.

A repartição das tropas em largura e seu escalopamento em profundidade tem sempre em vista apresentar, no momento opportuno, os diferentes elementos na melhor disposição para executar a missão particular de cada um e oppôr-se á vontade do inimigo.

Ao mesmo tempo, esse dispositivo deve ser suficientemente maneável para permitir as transformações impostas pelas situações sempre mutáveis na guerra.

No tocante á protecção material das unidades, o dispositivo, em suas minúcias, deve permitir áquellas as melhores formações e providencias para aproveitarem o terreno e protegerem-se contra a ação do inimigo.

Longe do inimigo, quando não ha a temer sua ação imediata, o dispositivo, embora de corrente das intenções do commando, amolda-se ao terreno, quer para aproveitar a rede de estradas e os recursos da região, quer para facilitar as mudanças de direcção e as modificações em si mesmo de acordo com as mudanças da situação.

A proporção que a tropa se approxima do inimigo, o dispositivo torna-se menos profundo para que as unidades mais afastadas possam intervir em tempo util. Então, a missão vai cada vez mais predominando na fixação do dispositivo a adoptar. As medidas de segurança tomam maior vulto.

Nas proximidades do inimigo ou em contacto com este, a segurança reside principal-

mente no judicioso dispositivo, capaz de realizar com proveito a missão da tropa ou o mais conveniente ás modificações necessarias para se fazer frente a uma situação inopinada.

Destacamentos da segurança

No dispositivo geral da tropa ha sempre duas grandes divisões: o Grosso, constituído pela quasi totalidade dos meios de ação; e os Destacamentos de segurança, de efectivos reduzidos ao minimo indispensavel.

Os Destacamentos de segurança recebem o nome de *Vanguarda*, *Flancoguarda* e *Retaguarda*, conforme a posição que ocupam em relação ao Grosso.

O commando fixa para cada caso particular a composição e a missão desses destacamentos. Em todos os casos, elles são um elemento avançado que faz preceder a vontade do commando á do inimigo (caso da offensiva) ou que oferece um primeiro entrave á vontade do inimigo já manifestada (caso da defensiva). Sua ação permite sempre assegurar ao commando a porção do terreno mais conveniente para empenhar o seu Grosso (posse de observatórios para artilharia, posse de posições de fogo bem escondidas, base de partida conveniente, etc.); e, ao mesmo tempo, por sua ação retardadora, garante o tempo para o commando tomar ou modificar suas disposições para agir contra o inimigo.

Além disso pelas medidas de minúcia adoptadas impedem que o Grosso seja atingido pelas surpresas terrestres do inimigo (mesmo as de seus elementos ligeiros).

Os destacamentos de segurança são sobretudo um precioso órgão de informação, principalmente na offensiva, pois, só após terem elles realizado a tomada do contacto é que o commando dispõe de dados suficientes para a montagem do ataque. As informações colhidas pelos destacamentos de segurança, em quaisquer circunstancias, tem um carácter de precisão que não é peculiar aos outros meios de informação.

Nos estacionamentos os destacamentos de segurança adoptam um dispositivo que recebe o nome de *Postos Avançados*, do qual decorre a segurança do Grosso estacionado.

A composição desses destacamentos varia de acordo com as circunstancias: elementos ligeiros de infantaria e principalmente de cavalaria, simples rede de vigilância, quando não ha probabilidade do inimigo agir com fortes meios; grupamento equilibrado de unidades de infantaria, cavalaria, artilharia e engenharia sempre que o commando queira impôr sua vontade ou oppôr-se á do inimigo, de acordo com as possibilidades deste.

II — RACIOCINIO DO COMMANDANTE DE PELOTÃO, QUANDO, ENQUADRADO NO ATAQUE CONTRA UM OBJECTIVO, TEM SEU MOVIMENTO DIFFICULTADO OU MESMO IMPECIDO PELO FOGO INIMIGO (R. E. C. I., 251 a 255, 332, 334, 339, 341, 342 a 346).

Em principio, o Pelotão, em primeiro escalão, progride no ataque tendo os O. G. reparados em largura e escalonados em profundidade. A maior parte de seus grupos terá missões pre-

viamente determinadas ou então impostas, durante o movimento, pelo fogo inimigo, mas poderá haver grupos disponíveis, sem missão definida e promptos a serem empregados de acordo com as necessidades.

Cada grupo empenhado avança para o seu objectivo, procurando infiltrar-se pelos espaços desenfiados ou não batidos ou combinando o fogo e o movimento e cuidando, respeitada a missão porpria, de apoiar os vizinhos, tudo *sob inteira iniciativa dos commandantes respectivos*.

Limitada desse modo a *interferencia directa* do commandante do Pelotão sobre os G.C. empenhados, a acção deste commandante manifesta-se, entretanto, no desenrolar do ataque:

1.º pelo emprego dos grupos disponíveis, de acordo com a manobra a realizar;

2.º pela coordenação do fogo dos grupos empenhados no sentido do apoio mutuo que elles se devem ou do apoio a uma unidade vizinha cujo movimento possa ser facilitado;

3.º pela impulsão, graças principalmente ao exemplo pessoal, que imprime a um grupo mal conduzido ou a todo o Pelotão, quando possível e de modo a aproveitar um momento opportuno para avançar;

4.º pelo restabelecimento da ordem e do escalonamento em profundidade nas paradas e ocasiões oportunas.

* * *

Em quanto o fogo inimigo não lhe impede a progressão o Pelotão vai progredindo, *mesmo que os vizinhos se achem detidos*, quer aproveitando os espaços desenfiados ou mal batidos, quer combinando o fogo e o movimento, quer recorrendo ao apoio da artilharia e de modo a facilitar, pelo desbordamento das resistências que se lhes oppõem, o movimento dos vizinhos.

Quando, porém, o fogo inimigo impede que os G.C. empenhados directamente continuem a progredir, a primeira preocupação do commandante do Pelotão deve ser empregar seus proprios recursos para *adquirir superioridade de fogo* e poder continuar a progressão.

Dentre os varios casos que se podem apresentar destacaremos, como mais importantes, os seguintes:

I — Se dispuser de G.C. não empenhados directamente e, portanto, *em reserva*, procura executar com estes o desbordamento e o envolvimento.

Sabendo que o fogo inimigo impede, na zona dos grupos empenhados, todo movimento para a frente e para os flancos, procura *levar os F.M. disponíveis para uma posição de fogo conveniente*, geralmente no flanco do objectivo e de modo a permitir o avanço dos grupos detidos.

Para isso dispõe de *meios de execução*: — *o terreno*, que indica pelos espaços cobertos,

mal ou não batidos, os pontos fracos do objectivo em direcção aos quais o movimento é dirigido a coberto das vistas do inimigo; — *o apoio do fogo* dos grupos empenhados e dos Pelotões vizinhos, o qual terá principalmente em vista *fixar* a atenção e o fogo inimigos, de modo a criar espaços não batidos pelos quais as outras fracções avançarão sem perdas e, o que é essencial, desapercibidas. O commandante do Pelotão procura itinerarios cobertos por onde possam infiltrar-se os seus grupos de manobra e de onde estes abrião fogo efficaz e de *surpresa* sobre a resistencia a reduzir. *Não se manobra sob o fogo inimigo*.

Por outro lado, deve ter em vista que esse movimento dos grupos de manobra não prejudique a acção das unidades vizinhas, o que naturalmente restringe a zona em que a manobra se pode realizar.

II — Se o desbordamento não for possível ou fracassar, quer devido ao fogo inimigo, quer porque o terreno não permite itinerarios desenfiados por onde se possa progredir apesar daquele fogo, quer ainda pela inconveniencia de prejudicar-se a acção das unidades vizinhas, cabe ao commandante do Pelotão *reforçar*, apesar de tudo, o seu *plano de fogo*, levando os G.C. disponíveis a posições convenientes (fogo pelos intervallos, fogo pelos flancos), sem produzir aglomerações e de modo a facilitar com esse accrescimo o movimento das unidades vizinhas.

III — Se o Pelotão tiver todos os seus grupos empenhados e nenhum destes puder progredir para os pontos fracos nos flancos do objectivo, ainda restará ao commandante do Pelotão coordenar, na medida do possível, os fogos de seus grupos, tendo em vista, como no caso anterior, facilitar o movimento de uma unidade vizinha e, eventualmente, para manter o terreno conquistado. Essa operação apresentará sérias dificuldades por não permitir o fogo inimigo perfeita transmissão de ordens e deslocamentos para melhorar as posições de tiro alcançadas.

IV — Se o Pelotão estiver á pequena distância da resistencia dever-se-há empregar os V.B. em grupamento para executar um tiro de neutralização e poder-se assim dar o *assalto*. Ainda aqui a expedição de ordens e a reunião dos V.B. será operação difícil e talvez impraticável, a menos que a acção dos V.B. não esteja prevista e preparada com antecedencia.

V — Se de todo for impossivel continuar a progressão com os proprios recursos ou com o auxilio das fracções vizinhas, deverá o commandante do Pelotão recorrer ao commandante da Companhia, o qual resolverá agir com sua reserva ou com os orgãos de fogo a sua disposição, ou pedir a intervenção do commandante do Batalhão.

Em qualquer caso, deve o commandante do Pelotão manter-se vigilante de modo a poder aproveitar instantaneamente as ocasiões, talvez fugitivas, para continuar o movimento, ou a evitar o envolvimento de sua fracção.

Sobre um projecto de lei

Um deputado nosso deixou sobre a mesa da Camara, em 31 de julho findo, um projecto de lei que manda sejam festejadas com solemnidades officiaes unicamente as datas nacionaes mencionadas na legislacão vigente. «Todas as outras datas que relembrarem factos historicos de qualquer natureza» — acrescenta o projecto — «poderão ser festejadas, mas sem pompas officiaes, e no recinto dos edificios que forem séde das instituições que quizerem promover esses festejos».

Fundamentando essa proposição, diz o seu autor, depois de uma serie de considerações, entre as quaes figura a de que a mentalidade americana se vae avisinhando toda ella dessas fórmulas de solução de suas possiveis divergencias, nas quaes nada terão que fazer os engenhos de guerra e os tratados da sciencia militar: «Ainda ha de chegar a época em que esses engenhos e tratados hão de figurar nos museus historicos como já figuram os instrumentos de tortura usados pelos despotas e pelos tyranos de outras idades».

Generosa utopia! Debalde aguardarão os museus historicos «os engenhos de guerra e os tratados da sciencia militar», para os expôr á curiosidade das gerações vindouras. A guerra

é eterna. Em quanto subsistir o homem, a guerra subsistirá. Pouco importa que a anathematise os sonhadores, os ideologos, os humanitarios.

Triste do povo que se desarmar na convicção de que não vem longe o dia em que o anjo da paz distenderá sobre as nações da terra as suas grandes azas protectoras. Em que pese aos desejos dos que o prognosticam com entusiasmo, jamais alvorecerá esse grande dia da fraternidade humana.

Não é de hoje que se apostola a paz, nem é de hoje que se maldiz a guerra. Entretanto, que resultados praticos já advieram desse apostolado e dessa guerra á guerra? Nenhum resultado adveio, nem advirá.

A paz perpetua entre os homens é ainda mais difícil do que entre os elephantes e rhinocerontes.

Por maior, pois, que seja o acatamento que nos possa merecer a bôa intenção do illustre parlamentar autor do projecto em apreço, permittimo-nos a liberdade de discordar das opiniões que expende, por justificar a sua proposição, pois são manifestamente contrarias á realidade. O mundo tem de ser o que effectivamente é, e não o que desejariam que elle fosse.

Alnda citações e não elogios

«Pelos processos actuaes chega-se a disparates como esses: A unidade X, mal commandada, nada faz; o chefe Y da unidade immediatamente superior nada diz a seu respeito ou a cita desfavoravelmente — pois o Cmt. X elogia grande parte de seus officiaes, que assim enchem suas fés de officio de *elogios* absolutamente sem valor; o Cmt. X tem que elogiar 50 officiaes — começa pelos mais graduados e quando chega aos menos graduados não tem mais adjetivos á altura do que elles tenham feito, etc.

Mudar um regimen como esse seria até moral, pois, se nenhum official escrupuloso é capaz de solicitar (requerer) um *elogio*, sel-o-hia perfeitamente capaz de requerer uma citação de acções suas, desde que pudesse comproval-as».

BIBLIOGRAPHIA

Recebemos e agradecemos:

Revista Militar — Lisboa — Maio e Junho.
La guerra y su preparation — Hespanha — Maio.
Memorial del Estado Mayor del Ejercito — Colombia — Março e Abril.

Alerta — Uruguay — Maio.

Revista del Ejercito y de la Marina — Mexico — Maio.

Círculo Militar — Perú — Junho.

Anniversario do 1.º Btl. de Engenharia com uma conferencia do Gen. Moreira Guimaraes.

Revista Militar — Argentina — Junho, 1926.

Rio Psychico — Junho, 1926.

Revista de Policia — Rio de Janeiro — Julho.



Consultas

No pensamento de corresponder ao apreço com que nos têm obsequiado os nossos camaradas, resolvemos restabelecer a secção de consultas que mantinhamos na «A Defesa Nacional».

As consultas deverão ser feitas em forma concisa e clara.



A CAMPANHA DO CONTESTADO

Aos nossos assignantes que apenas possuem os I e II volumes deste livro da autoria de Crivelaro Marcial, pseudonymo com que o publicou o nosso camarada Cap. Dermeval, ofereceremos o III volume da mesma obra.

Proporcionou-nos realizar esta bonificação aos nossos prezados assignantes o offerecimento que nos fez o autor de um restante de volumes que ainda possue, offerta que muito agradecemos.

Os pedidos devem ser dirigidos á nossa Redacção (Quitanda 74 ou Caixa postal 1602).

EXPEDIENTE

«Aos redactores effectivos cabe a responsabilidade da edição, aos colaboradores a das opiniões que emittirem em seus artigos» (art.º 7 dos Estatutos do Grupo Mantenedor).

REPRESENTAÇÃO COMMERCIAL

E' nosso representante commercial o prezado patrício Snr. Cândido Viegas, chefe do serviço de propaganda da firma Silva Araújo e administrador do Hospital São Francisco de Assis.

MUDOU A COR DA CAPA

Lembramos aos nossos representantes e assignantes a necessidade, a urgencia de se fazerem a cobrança, pagamento e remessa das importâncias relativas ao semestre que se inicia, o mais cedo possível. Sem isso nada poderemos fazer de estavel, permanente e util.

Esperamos que ao aparecer o numero de Setembro (3º do semestre!) todos os compromissos para com "A Defesa Nacional" estejam saldados, para que não tenhamos de suspender a remessa a nenhum dos nossos actuais assignantes.

PAGAMENTO PONTUAL E ADEANTADO

Para ser-nos possível restabelecer a pontualidade na distribuição de «A Defesa Nacional» torna-se estritamente necessário que nossos prezados assignantes PAGUEM PONTUAL E ADIANTADAMENTE as suas assignaturas semestrais.

AOS REPRESENTANTES

Pedimos encarecidamente aos nossos representantes o obsequio de nos comunicar a transferencia dos assignantes, designando o novo local onde vão servir e bem assim devolver-nos os exemplares que para elles tivermos enviado, correndo por nossa conta as despezas postaes.

AVISO UTIL

A Gerencia e a Secretaria da nossa revista funcionam, das 16 ás 18 horas, do seguinte modo:

— nas 3.^{as}, 5.^{as} e sabbados: GERENCIA (assignaturas, pagamentos, remessa, annuncios, etc.);

— nas 2.^{as} e 6.^{as}: SECRETARIA (collaboração, «sugestões», provas, etc.)

REGRAS PARA A CORRESPONDENCIA

Com o fim de facilitar os entendimentos entre os interessados e a nossa administração prescrevemos o seguinte:

- 1) Tudo que se refira á collaboração, sugestões e assumptos que lhes sejam correlatos deve ser endereçado ao *Redactor-Secretario*;
- 2) Qualquer assumpto sobre assignaturas, expedição e envio de importâncias deve tratar-se com o *Redactor-Gerente* (se a remessa de valores for feita em vale postal — ao *Thezoureiro*);
- 3) As questões referentes a annuncios devem ser tratadas com o *Representante commercial* (endereço Cândido Viegas — Caixa Postal 1206);
- 4) Sempre que se queira reiterar qualquer comunicação, deve-se fazel-o ao *Redactor-Chefe*.

PREÇOS DAS ASSIGNATURAS

Semestre	9\$000
Anno	18\$000

TABELLA DE PREÇOS DOS ANNUNCIOS

CAPA EXTERNA	
1 Pagina	300\$000
1/2 Pagina	150\$000

FOLHAS INTERNAS	
1 Pagina	100\$000
1/2 Pagina	60\$000
1/4 Pagina	35\$000

CAPA POSTERIOR	
1 Pagina	180\$000
1/2 Pagina	100\$000
1/4 Pagina	60\$000

FOLHAS COLORIDAS DENTRO DO TEXTO

Impressão de um só lado	120\$000
Impressão dos dois lados	150\$000

SALGADO GUIMARÃES & CIA.

Fornecimentos militares — Fazendas por atacado
Sirgueiros, Corrieiros, Arrieiros.

Grandes Officinas de Typographia, Lithographia,
Encadernação, Pautação, Timbragem, etc.

Papelaria, Objectos para escriptorio, Livros para escripturação,
Artigos para desenho.

26, Rua da Quitanda, 26

Telephone Central 4364

RIO DE JANEIRO

NEURASTHENIA
Contra todas as manifestações
Neuro-Sôro
Silva Araujo
BASE: Glycerophosphato de Sodio
e Strychnina - Cocodylato.

Typographia IDEAL

M. Marques da Silva

Rua Theophilo Ottoni, 165

Teleph. Norte 4664

Trabalhos commerciaes,

Impressão de luxo, etc.

Domingos Joaquim da Silva & Cia. Lda.

Endereço Telegraphico: "DOVA"

MADEIRAS E MATERIAES

Pinhos Riga, Sueco e Americano — Madeiras do Paiz de todas as qualidades
Tijolos, Telhas, Cimentos PORTLAND, DOVA e BRANCO, Cal, Ladrilhos,
Chapas onduladas galvanizadas, Vigas de aço, etc. etc.

GRANDES ARMAZENS E SERRARIA

PRAIA DE S. CHRISTOVÃO N: 4 A 12

TELEPHONE VILLA 25

ESCRITORIOS: { RUA S. PEDRO, 54 — Telephone Norte 479
"CENTRAL": PRACA DA IGREJINHA, 22 — Telephone Villa 2273

FILIAL: RUA IMPERIAL, 89 — Telephone Jardim 1070

Historia Militar do Brasil

pelo

Cap. Genserico de Vasconcellos

SEGUNDA EDIÇÃO

Um grosso volume in-8.^o com 600 pgs. de texto em composição compacta e grande numero de mappas a cores fóra do texto

PREÇO: { em broc. 12\$000
(livre de porte) { encader. 15\$000

Livraria Francisco Alves

Paulo de Azevedo & Cia.

Rio de Janeiro — R. do Ouvidor, 166
São Paulo — R. Libero Badaró, 129
Bello Horizonte — R. da Bahia, 1055

Estabelecimento Graphico

CANTON & BEYER

RUA LUIZ DE CAMÕES, 74 - Teleph. Norte 3199

RIO DE JANEIRO

Trabalhos de Reclame
simples e em côres,
Revistas, Livros, etc.

REMINGTON PORTATIL

O seu uso é tão simples que está ao alcance de todos,
independente de instruções especiaes.



Vendida pela «UNICA ORGANIZAÇÃO ESPECIALIZADA DO RAMO NO BRASIL».



Para informações mais detalhadas
queira cortar o coupon abaixo e re-
metter-nos.

S. A. CASA PRATT—Caixa 1025—Ric.

NOME

RUA N.º

CIDADE EST.º

Guia do Commandante do Grupo de Combate

T. Cel. Paes de Andrade e Ten. Pavel

Tratando de tudo o que compete saber ao seu
commandante para bem dirigir a sua pequena
unidade quer na paz quer na guerra.

Preço 5\$000

NOTA — A venda na A Defesa Nacional
á rua da Quitanda, 74 - Rio

Os pedidos de fóra devem vir acompanhados de
um sello de 500 rs. para a remessa.